



ESPECIAL UVA

Niagara toma espaço da uva fina
no estado de São Paulo

Amistar Top. A qualidade que seu produto precisa para se destacar.

- Melhor controle de doenças
- Não causa fito
- Menor período de carência
- Efeito sinérgico: praticidade e eficiência



Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



 **Amistar Top**[®]

syngenta.

TM

POR QUE O SISTEMA "Y" TEM CONQUISTADO PRODUTORES PAULISTAS?



Fernando Cappello preparou este *Especial Frutas* exclusivamente para a HF Brasil.

A **Hortifruti Brasil** analisa neste *Especial Frutas* a competitividade da uva niagara (rústica) no estado de São Paulo. Esse estudo vem a se somar às duas outras edições já dedicadas à viticultura. A primeira delas foi publicada em agosto de 2010 (edição nº 93), quando foram apresentados os resultados referentes à ges-

tão da propriedade viticultora do Vale do São Francisco voltada à exportação. Em novembro de 2012 (edição nº 118), o enfoque foi dado aos custos médios para se produzir uva também naquela região.

O *Especial Frutas* de 2014 se baseia nos principais resultados da dissertação de mestrado do ex-membro da nossa equipe Fernando Perez Cappello, que preparou essa matéria especialmente para a **Hortifruti Brasil**. Engenheiro agrônomo, Fernando desenvolveu seu mestrado em Fitotecnia, na Esalq/USP. Sua pesquisa se focou no custo de produção da uva niagara destinada ao consumo *in natura* e abrangeu algumas das principais regiões produtoras paulistas – Campinas, São Miguel Arcanjo e Jales. Seus dados se referem à safra 2012/13 e proporcionam comparativos diretos dos resultados das diferentes regiões. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), 52% da produção paulista já é de uvas rústicas, representadas especialmente pela niagara rosada.

O estudo da competitividade da uva niagara em São Paulo é feito com discussões sobre dois sistemas de condução mais usados na

viticultura paulista, o espaldeira e o latada, e também com análise do promissor sistema "Y", que vem ganhando espaço nas fazendas paulistas de uvas. Mesmo requerendo investimento inicial maior, o "Y" é o sistema que proporciona maior ganho de produtividade, melhor qualidade da uva, eficiência do tratamento fitossanitário e demanda menos mão de obra que os outros dois sistemas.

Diante dos potenciais benefícios do "Y", nossos entrevistados do *Fórum* desta edição (a partir da página 41) falam, praticamente em coro, sobre suas vantagens. "O sistema "Y" tem sido bastante viável na viticultura da região [Campinas], pois é mais fácil de se mecanizar, de se realizar a pulverização, além de demandar menos atividades com desbrota e amarril. (...) Há dois anos, comecei a investir neste sistema e, hoje, metade da minha área já está implantada desta forma. De fato, a qualidade da uva é outra", destaca Anderson Tomasetto, produtor de uva e ameixa há 30 anos em Jundiá, na região de Campinas. Na propriedade de Luiz Zafalon, em São Miguel Arcanjo, o sistema "Y" já é o principal. "Já modifiquei praticamente todo o sistema espaldeira para o "Y". (...) Podemos dizer que há uma redução de 30% a 40% do custo com mão de obra, principalmente porque o "Y" permite a mecanização de tratamentos culturais, argumenta Zafalon. A opinião dos nossos entrevistados, portanto, ajuda a entender a tendência de adoção do sistema "Y" no estado de São Paulo. Cabe ao produtor colocar no papel os prós e os contras e avaliar sua viabilidade.

Esperamos que esta edição traga contribuições não só para quem produz uva no estado de São Paulo, mas em todo o Brasil.

E aguarde que teremos novidades para 2015. Algumas pistas do que vem por aí estão distribuídas nas Seções de cada cultura...



Com a reeleição de Dilma Rousseff, o que pode vir pela frente?

Por João Paulo Bernardes Deleo e Andréia Adami

A economia brasileira vem há algum tempo apresentando indicadores econômicos preocupantes – como inflação elevada, superávit primário (despesas menos arrecadação) abaixo do prometido e deterioração das contas externas, decorrentes dos sérios problemas de infraestrutura enfrentados pelas cadeias de produção, além das dificuldades para alavancar a produtividade. Não há sinais convincentes de que esse cenário possa melhorar no médio prazo.

Mais recentemente, os problemas se acentuaram, uma vez que as medidas artificiais para se manter a inflação abaixo do teto da meta (6,5%) – como o controle dos preços de combustível e de energia elétrica e a manutenção do Real valorizado - tendem a afetar ainda mais a inflação futura caso os valores represados sejam ajustados – o que já vem ocorrendo com a energia elétrica.

Para que o País retome o caminho do crescimento da economia, a próxima equipe econômica precisará superar os problemas gerados pela antiga gestão, como retomar o controle da inflação para que se aproxime dos níveis do centro de meta (4,5% ao ano) e equilibrar o orçamento para que a dívida pública fique sob controle. Para isso, é fundamental que o governo reconquiste a confiança de empresários e investidores. O aumento dos juros básicos da economia (Taxa Selic) na última reunião do Copom, ocorrida no final de outubro, foi uma medida amarga, mas necessária para sinalizar uma postura mais dura em relação à inflação.

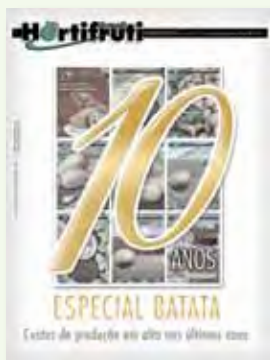
No caso do consumo de alimentos considerados básicos, como os hortifrutícolas, o cenário pode ser menos negativo, enquanto for possível manter – frente ao baixo crescimento - as políticas de ganho real de salário, o atual nível baixo de desemprego e a melhoria na distribuição de renda. Algumas frutas de custo mais elevado, no entanto, podem sentir alguma retração da demanda interna.

A HF Brasil por aí

A pesquisadora Larissa Gui Pagliuca (foto 1) e a analista de manga Ana Luisa Pacheco (foto 2), do Cepea, foram à Monte Alto (SP) no dia 9 de outubro para apresentar o Projeto Hortifruti/Cepea à alguns produtores e manga da região e aumentar sua rede de colaboradores. Larissa também participou, junto com Fernanda Gomes (foto 3), do VI Simpósio Brasileiro de Citricultura, do GELQ, no dia 23 de outubro, na Esalq, onde ministraram a palestra “Panorama e Perspectivas do Mercado de Frutas Cítricas” com outros palestrantes (foto 4). E olha só quem veio nos visitar no dia 24 de outubro! José Wilson Magalhães, de Monte Mor (SP), mais conhecido como “Didi Tomateiro” (foto 5, o primeiro da dir. para a esq.), trouxe caixas de tomate para todo o Cepea! Dispensamos a ida à feira nesse dia!



OPINIÃO



Especial Batata

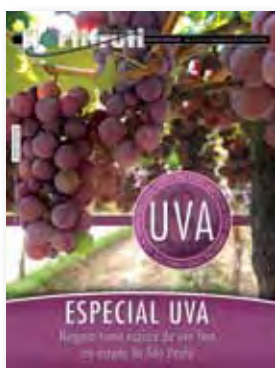
A matéria do *Especial Batata* ficou ótima, muito objetiva e mostrando a realidade do setor. Concordo com o aumento dos preços não somente nestas regiões, mas também em outras como Chapada Diamantina (BA) e Goiás. O principal fator para o aumento dos custos da mão de obra é a burocracia criada pelos órgãos do governo, aumento das exigências trabalhistas, necessidade de muitos equipamentos de segurança etc. Isso é o que está levando os produ-

res de batata pelo mesmo caminho dos de cana-de-açúcar: mecanização da colheita. Em minha opinião, o que motiva algumas pessoas a se manterem na atividade e até a aumentar a área de cultivo de batata é o ganho da produtividade e qualidade da batata graças a tecnologia como agricultura de precisão, melhores defensivos e acompanhamento do campo através de monitoramento.

Luiz Roberto Bortoncello – Formosa/GO

Concordo com os resultados apresentados no *Especial Batata*. Os custos variáveis e também os fixos estão pesando para inviabilizar a cultura da batata no Sul de Minas. Desde 1997, a batata vem saindo da mão do agricultor familiar e partin-

CAPA 8



A competitividade da viticultura, com foco na variedade niagara, é avaliada nesta edição em 3 regiões produtoras de SP: Campinas, Jales e São Miguel Arcanjo.

FÓRUM 41

Produtores paulistas comentam sobre os custos de produção e mostram que o "Y" veio para ficar em SP. Confira!



HF BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da **Hortifruti Brasil** no site:
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



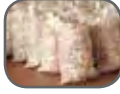









[@hfbrasil](https://twitter.com/hfbrasil)

[@hfbrasil](https://www.facebook.com/hfbrasil)

[@revistahortifrutibrasil](https://www.facebook.com/revistahortifrutibrasil)

hortifrutibrasil.blogspot.com

SEÇÕES

TOMATE		24
CENOURA		26
BATATA		28
FOLHOSAS		30
MELÃO		32
CEBOLA		33
MANGA		34
BANANA		36
MAMÃO		37
CITROS		38
MAÇÃ		39
UVA		40

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Renata Pozelli Sabio, Letícia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:

Daiana Braga, Alessandra da Paz, Flávia Gutierrez e Flávia Romanelli

Equipe Técnica:

Amanda Abdo Pereira, Amanda Rodrigues da Silva, Ana Luísa Antonio Pacheco, Bruna Abrahão Silva, Caroline Ochiuse Lorenzi, Fabrício Quinalia Zagati, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Flávia Noronha do Nascimento, Gabriela Boscaroli Ratera, Isadora do Nascimento Palhares, João Gabriel Ruffo Dumbra, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo e Matheus Marcello Reis.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfcepea@usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

do para grandes áreas, o que traz um grande efeito negativo social e econômico aos agricultores familiares da região. Acredito que não só mão de obra, mas praticamente todos os insumos encareceram. Diante desse aumento, produtores conseguem se manter na atividade vendendo durante a janela de mercado, obtendo melhores preços. Outra estratégia de sobrevivência tem sido a diversificação de culturas. A tendência é de mecanização da atividade e também diminuição das áreas de plantio na safra das águas (altitudes elevadas).

Raul Maria Cássia – Bueno Brandão/MG

Muito interessante a edição. Aqui no Paraná, observa-se tendência semelhante quanto ao aumento dos custos, principalmente da mão de obra (cara e com pouca qualificação), elevação do preço do combustível (diesel), da logística, dos defensivos e do arrendamento. Mas vejo que alguns produtores conseguem reduzir os custos em algumas etapas devido à aquisição de insumos em conjunto com outros produtores. Outros se mantêm na cultura devido à fixação de preço na época da colheita feita com indústrias compradoras da batata. A tendência é de aumento nos custos, mas vai depender muito da variação do dólar e elevação dos preços de matérias-primas. Acho que o produtor tem que reduzir o máximo possível seus custos, otimizar mão de obra e maquinários.

Reinaldo Ervino Rentz – Castro/PR

Concordo com os dados apresentados no *Especial Batata*. Um dos fatores que influenciaram no aumento dos custos foi o valor pago pelo arrendamento da terra. Em termos comparativos, na época da criação do Plano Real, eu pagava cerca de R\$ 10,00 pelo dia de serviço; hoje o valor gira em torno de R\$ 60,00. Os preços dos combustíveis também influenciaram muito na alta dos custos de produção. Alguns ainda estão tentando recuperar o prejuízo dos anos anteriores, outros ainda mantêm a ilusão de um dia ganhar dinheiro na atividade. Há alguns anos venho falando que batata está se tornando atividade para grandes produtores. Assim como eu, penso que produtores familiares devem repensar muito bem sobre continuar ou não como produtores de batata.

Dito Borba – Senador Amaral/MG

O Brasil tem um parque tecnológico invejável. O produtor rural tem conseguido demonstrar uma boa capacidade de assimilar a ciência e pôr em prática a tecnologia de ponta, em tempo real. Mas isso ainda não seria suficiente, pois o sucesso depende de três vertentes: o produtor, o conhecimento e o governo. Portanto, na gestão é onde encontramos o maior desafio da atividade.

Luiz Soares da Silva – Baraúna/RN

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

MBA em Defesa Fitossanitária Esalq/USP



MBA
ESALQ/USP - PECEGE

• Agronegócios • Gestão de Negócios
• Agroenergia • Defesa Fitossanitária

Inscreva-se

pecege.esalq.usp.br | Tel.: (19) 3377-0937

comunica@pecege.esalq.usp.br

[@mbaesalqusp](#)

ESPECIAL

Niagara toma espaço da uva fina

Bem aceitas pelo consumidor paulista e produzidas a custo mais baixo que as uvas finas, as variedades rústicas vêm ganhando espaço em parreirais de onde saíam predominantemente uvas finas. Exemplo disso é o que vem ocorrendo em Jales e em São Miguel Arcanjo. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), pouco mais da metade da produção paulista (52%) já é de uvas rústicas, representadas especialmente pela niagara rosada.

Variedades rústicas são mais resistentes a doenças, o que diminui o número de pulverizações, e chegam mesmo a dispensar alguns tratamentos culturais, como o raleio de bagas – reduzindo a demanda por mão de obra. Por outro lado, a produtividade por planta é menor e ocorrem mais problemas de pós-colheita, como degrana mais acentuada.

Para discutir a competitividade da uva rústica no estado de São Paulo, a **Hortifruti Brasil** se baseia nos principais resultados da dissertação de mestrado do então membro da sua equipe Fernando Perez Cappello. Engenheiro agrônomo, Fernando desenvolveu seu mestrado em Fitotecnia, na Esalq/USP. Sua pesquisa se focou no custo de produção da uva niagara destinada ao consumo in natura e abrangeu as principais regiões produtoras paulista – Campinas, São Miguel Arcanjo e Jales. Seus dados se referem à safra 2012/13 e proporcionam comparativos diretos dos resultados das diferentes regiões.

PRINCIPAIS DA NIAGARA

SISTEMA DE CONDUÇÃO ES

O sistema de condução espaldeira é o mais tradicional para uva rústica, sendo muito adotado nas regiões de Campinas e de São Miguel Arcanjo.

O sistema de condução espaldeira requer menos mão de obra para as atividades de poda e colheita que o sistema latada, visto que as operações manuais ◊

SISTEMA DE CONDUÇÃO LAT

Este é o principal sistema adotado na produção de uva niagara na região de Jales. Ramos e folhas ficam dispostos na horizontal. As vantagens do sistema latada estão relacionadas com o desenvolvimento de videiras vigorosas, com capacidade de armazenar reservas nutricionais, apresentando número elevado de folhas e de gemas, o que resulta em grande número de cachos e alta produtividade ◊

SISTEMA DE CONDUÇÃO "Y"

O sistema de condução "Y" ou manjedoura é uma alternativa aos sistemas convencionais espaldeira e latada. Em relação ao espaldeira, requer investimento inicial maior, mas proporciona maior produtividade por planta e melhor qualidade da fruta, à medida que favorece o desenvolvimento do cacho.

Ainda comparado à espaldeira, o sistema "Y" possibilita redução da mão de obra em atividades como amarrão ◊

FRUTAS

no estado de São Paulo



SISTEMAS DE CONDUÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

PALDEIRA:

são facilitadas, e também apresenta menor custo de instalação da estrutura. Entretanto, este sistema tem pontos negativos, como a produção de cachos amontoados em um único plano, ao longo do primeiro arame, o que prejudica o tratamento químico e ainda expõe os cachos a raios solares, podendo causar queimaduras nas bagas. Outra desvantagem é a disposição das folhas na parte de cima da planta, o que reduz a eficiência do tratamento fitossanitário com fungicidas de contato - dificultado o acesso do produto à face inferior da folha, local propício para desenvolvimento de doenças.



Parreiral com sistema de condução espaldeira na região de Campinas.

ADA

por planta em relação a outros sistemas.

Porém, apresenta desvantagens como: elevado custo de implantação – a estrutura de sustentação precisa ser resistente para suportar o peso da massa vegetativa, da produção e do impacto de chuvas e ventos; elevado custo de manutenção (exigente em mão de obra); ergonomia ruim para trabalhadores já que ramos, folhas e frutos ficam acima do trabalhador; possibilidade de o excesso de massa foliar causar sombreamento, resultante do vigor vegetativo, e afetar a fertilidade de gemas, além de criar microclima úmido favorável ao desenvolvimento de doenças na região dos cachos e folhas.



Parreiral com sistema de condução latada e irrigação na região de Jales.

de ramos, já que esses se posicionam naturalmente sobre os arames inclinados. Há também ganho na eficiência do tratamento fitossanitário motivada tanto pela maior exposição da face inferior da folha – dificulta o desenvolvimento de doenças – quanto pela maior altura dos cachos em relação ao solo – aumenta a ventilação, gerando microclima adverso para doenças fúngicas. Outra vantagem é o maior espaçamento, que possibilita a circulação de máquinas, facilitando pulverizações e adubações mecanizadas – requer menos mão de obra.

Em relação ao sistema de condução latada, a principal vantagem refere-se à ergonomia para a realização dos tratos culturais no parreiral, pois nele se trabalha em posição ereta e na sombra.



Parreiral com sistema de condução "Y" na região de Jales.

CUSTOS DE PRODUÇÃO DA NIAGARA NO ESTADO DE SÃO PAULO

A análise abrange os principais sistemas de produção convencionais (espaldeira e latada) nas regiões de Campinas, São Miguel Arcanjo e Jales na temporada 2012/13. Além de produzirem grande parte da uva rústica paulista, essas regiões foram selecionadas por apresentarem diferenças quanto ao sistema de condução, manejo, clima e épocas de colheita.

Os levantamentos dos custos de produção foram realizados por meio de Painéis, metodologia tradicionalmente

utilizada pelo Cepea nos estudos de custo de produção publicados em edições anteriores da **Hortifruti Brasil**. A metodologia de Paineis prevê uma reunião de pesquisadores com produtores e técnicos locais para elaboração de uma planilha de custo de produção da propriedade considerada mais comum, ou “típica”, na região de pesquisa. Ao longo desse encontro, são obtidas informações detalhadas e validadas pelo grupo sobre toda a estrutura do custo de produção, a começar pelos gastos para a implantação do parreiral.

CALENDÁRIO DE PLANTIO, PODAS E COLHEITA DA REGIÃO DE CAMPINAS

Etapas	Meses do ano Safra											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Plantio												
Enxertia												
Poda Temporã												
Poda Principal												
Colheita Temporã												
Colheita Principal												

CALENDÁRIO DE PLANTIO, PODAS E COLHEITA DA REGIÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Etapas	Meses do ano Safra											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Plantio												
Enxertia												
Poda de Esqueletamento												
Poda Principal												
Poda Verde												
Colheita Temporã												
Colheita Principal												

CALENDÁRIO DE PLANTIO, PODAS E COLHEITA DA REGIÃO DE JALES

Etapas	Meses do ano Safra											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Plantio												
Enxertia												
Poda de Formação												
Poda de Produção												
Colheita Principal												

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



SERENADE



A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Notar peritris e utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

CUSTO DE PRODUÇÃO DA NIAGARA NA REGIÃO DE CAMPINAS

As informações sobre esta região foram obtidas em Painel realizado no município de Jundiá em fevereiro de 2014, referente à safra principal (julho/13 a fevereiro/14) e também à temporã (dezembro/12 a junho/13) 2012/13. A propriedade típica da região dedica 4,5 hectares à uva, que é produzida com sistema de condução espaldeira e adensamento médio de 5.882 plantas por hectare. Nos últimos anos, cerca de 40% dos produtores da região realizaram uma safra temporã em sequência à principal, mas a maioria ainda preferiu manter apenas a safra principal e diversificar a receita obtida no meio do ano com outras culturas, principalmente outras frutíferas. Para a realização da safra temporã, o produtor precisa podar a planta para a safra principal, de modo que a temporã não pode ser realizada separadamente.

Em relação ao perfil do produtor, constatou-se a importante participação da mão de obra familiar, mesmo que mesclada à de diaristas e de funcionários contratados. Como não há uma remuneração específica para o trabalho familiar, essa mão de obra foi contabilizada na estrutura de custo a preço de diária paga na região – média de R\$ 55,00 em 2012 –, multiplicada pelo número de dias que a família dedica à atividade. O

montante é elevado e acaba pesando para que o item mão de obra (de todos os tipos) seja o mais oneroso no grupo do Custo Operacional, alocada principalmente em atividades como poda, desbrotar, amarrio e pulverizações.

O custo por hectare da safra principal é um pouco maior que o da safra temporã, mas devido à diferença de produtividade, o quilo da uva temporã acabou sendo 28% maior naquele ano.

A safra temporã requer um número maior de pulverizações, por conta do clima propício a doenças, principalmente nas brotações do início de ano. Conforme os levantamentos, foram 20 pulverizações na temporã contra 13 na principal. O resultado é aumento dos gastos com defensivos (fungicidas), maquinário e, como dito, com mão de obra.

Paralelamente aos custos, a produtividade no sistema espaldeira é menor, o que limita a rentabilidade e tem levado muitos produtores de uva niagara rosada da região de Campinas a migrar para o sistema de condução “Y”.

Esse sistema viabiliza produtividades maiores e exige menos mão de obra para a realização dos tratamentos culturais. No entanto, esse outro sistema requer maior investimento inicial para instalação das estruturas de condução.

PRINCIPAIS ITENS DO INVENTÁRIO DA PROPRIEDADE TÍPICA DA REGIÃO DE CAMPINAS

Máquinas/Implementos/Utilitários

- 1 trator
- 1 monocultivador
- 1 utilitário
- 1 pulverizador atomizador
- 2 pulverizadores costais
- Implementos (roçadeira, adubadeira, carreta e sulcador)
- Ferramentas (tesouras, alceadores e cavadeira)

Benfeitorias

- 1 barracão
- 1 depósito

Estrutura de parreiral

- Mourões e arames (estrutura espaldeira)
- Tela para época de colheita

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UVA NIAGARA ROSADA NA REGIÃO DE CAMPINAS (SAFRA 2012/13) - Agricultura Familiar: 4,5 hectares

Itens	Safr a Principal		Safr a Temporã	
	R\$/hectare	R\$/kg	R\$/hectare	R\$/kg
(A) Insumos	3.320,00	0,24	3.158,35	0,32
Adubaçã o	2.512,00	0,18	2.102,77	0,21
Defensivo	808,00	0,06	1.055,57	0,11
(B) Operaçã o mecãnica	626,00	0,04	929,51	0,09
(C) Irrigaçã o	0,00	0,00	0,00	0,00
(D) Mã o de obra	5.856,00	0,42	5.216,13	0,52
Pulverizaçã oes	916,00	0,07	1.121,24	0,11
Adubaçã oes	713,00	0,05	283,65	0,03
Tratos culturais	4.227,00	0,30	3.811,24	0,38
(E) Equipamentos e utensílios de campo	83,00	0,01	44,07	0,00
(F) Despesas gerais	2.492,00	0,18	2.264,05	0,23
(G) Custo de colheita	3.367,00	0,24	2.450,40	0,25
Colheita	2.200,00	0,16	1.660,96	0,17
Transporte interno	1.167,00	0,08	789,44	0,08
(H) Juros do Capital de Giro	1.425,00	0,10	1.147,31	0,11
(I) Custo Operacional (A+B+C+...H)	17.169,00	1,23	15.209,81	1,52
(J) CARP	7.386,76	0,53	7.096,67	0,71
Implantaçã o	3.127,48	0,22	3.050,48	0,31
Estrutura do parreiral	1.921,69	0,14	1.800,39	0,18
Implementos	603,89	0,04	516,72	0,05
Máquinas	1.269,90	0,09	1.322,71	0,13
Benfeitorias	463,81	0,03	406,37	0,04
Irrigaçã o	0,00	0,00	0,00	0,00
(N) Custo de Oportunidade da Terra	1.361,13	0,10	1.445,25	0,14
CUSTO TOTAL (L+M+N)	25.916,90	1,85	23.751,73	2,38
Produtividade Média (kg/ha)	14.000,00		10.000,00	

* A mã o de obra foi calculada com base em diã rias - custava R\$ 55,00 na é poca.

** A safra temporã só é realizada caso o produtor tenha feito a poda para a safra principal.

Niagara: Custo total de implantaçã o de um parreiral de niagara em sistema espaldeira na regiã o de Campinas em 2012

Total investido na formaçã o do parreiral - 2 anos (R\$/ha)	25.917,05
Total investido em estrutura (R\$/ha)	17.579,58
Total investido em benfeitorias (R\$/ha)	13.973,56
Total investido em máquinas e implementos (R\$/ha)	16.329,96
Preço médio de venda da terra (R\$/ha)	113.396,75

Obs: Dimensionamento de máquinas, equipamentos e benfeitorias para uma á rea de 4,5 hectares.

CUSTO DE PRODUÇÃO DA NIAGARA NA REGIÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Nesta região, a propriedade típica produtora de uva destina dois hectares à variedade niagara rosada. Em 2012, ano a que se referem os dados coletados para a pesquisa, a safra principal foi de janeiro a março, com produtividade média de 22 toneladas por hectare. A temporã foi de março a maio e sua produtividade média foi de 15 toneladas por hectare. A propriedade típica da região tem como sistema de condução espaldeira e o espaçamento mais comum é de 1,5 m x 0,9 m, totalizando cerca de 7.400 pés por hectare.

A mão de obra também é predominantemente familiar, e a estimativa do seu custo se baseou na diária de R\$ 45,00 (média da região em 2012) multiplicada pelo total de dias empenhados na realização das atividades manuais. Essas operações – abrangem poda, desbrotas, amarrios, roçagens e pulverizações –, também em São Miguel Arcanjo, foram o item de maior peso nos custos operacionais, chegando a R\$ 0,23 por quilo colhido na safra principal e a R\$ 0,41/kg na safra temporã, seguidas por adubos via solo e fertilizantes foliares.

No cálculo do Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP) total da propriedade, o item mais oneroso foi o CARP de implantação do parreiral. Foi estimado em R\$ 2.950,77 por hectare para safra principal e temporã, ao longo de oito anos – o provisionamento de recursos calculados

pelo CARP significa que, ao final da vida útil do parreiral (oito anos em produção), o viticultor teria condições de repor seu parreiral.

Durante a safra principal de 2012, houve em média 37 pulverizações e, na safra temporã, 41, incluindo fungicidas, inseticidas e herbicidas. Apesar deste número de pulverizações, o custo com maquinário não é elevado. Devido ao alto adensamento, a maioria dos viticultores realizou as pulverizações com pulverizadores estacionários, de baixa potência e baixo consumo de combustível.

Outra característica da agricultura familiar na região é o financiamento de custeio das safras via linhas do Programa de Agricultura Familiar (Pronaf). No entanto, para ampliação da área, os produtores utilizam capital próprio. Na região, também há a tendência de se trocar o sistema de condução em espaldeira pelo “Y” – todos os produtores participantes do Painel afirmaram possuir uma área, mesmo que experimental, para testar este sistema de condução.

Quanto à venda da uva, produtores dizem ser difícil o acesso direto às centrais de abastecimento e o comprador intermediário ainda é bem atuante, o que dificulta a obtenção de melhores preços durante a safra e causa irregularidades nos pagamentos em alguns casos.

PRINCIPAIS ITENS DO INVENTÁRIO DA PROPRIEDADE TÍPICA DA REGIÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Máquinas/Implementos/Utilitários

- 1 trator
- 1 monocultivador
- 1 utilitário
- 1 pulverizador estacionário
- 2 pulverizadores costais
- Implementos (roçadeira, adubadeira, carreta e sulcador)
- Ferramentas (tesouras, alceadores e cavadeira)

Benfeitorias

- 1 barracão
- 1 depósito

Estrutura do parreiral

- Mourões e arames (estrutura espaldeira)

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UVA NIGARA ROSADA NA REGIÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO (SAFRA 2012/13) - Agricultura Familiar: 2 hectares

Itens	Safrá Principal		Safrá Temporã	
	R\$/hectare	R\$/kg	R\$/hectare	R\$/kg
(A) Insumos	7.224,16	0,33	7.729,23	0,52
Adubaçãõ	4.130,00	0,19	4.780,47	0,32
Defensivo	3.094,16	0,14	2.948,77	0,20
(B) Operaçãõ mecãnica	704,00	0,03	713,90	0,05
(C) Irrigaçãõ	0,00	0,00	0,00	0,00
(D) Mãõ de obra*	5.061,00	0,23	6.084,24	0,41
Pulverizações	1.282,00	0,06	1.301,09	0,09
Adubações	604,00	0,03	684,25	0,05
Tratos culturais	3.175,00	0,14	4.098,90	0,27
(E) Equipamentos e utensílios de campo	324,00	0,01	398,83	0,03
(F) Despesas gerais	3.834,00	0,17	3.897,86	0,26
(G) Custo com colheita	2.979,00	0,14	2.723,80	0,18
Colheita	1.814,00	0,08	1.647,82	0,11
Transporte interno	1.165,00	0,05	1.075,98	0,07
(H) Juros do Capital de Giro	1.399,00	0,06	1.477,09	0,10
(I) Custo Operacional (A+B+C+...H)	21.525,16	0,98	23.024,95	1,53
(J) CARP	7.281,48	0,33	7.281,48	0,49
Implantaçãõ	2.950,77	0,13	2.950,77	0,20
Estrutura do parreiral	1.397,68	0,06	1.397,68	0,09
Implementos	874,55	0,04	874,55	0,06
Máquinas	1.480,42	0,07	1.480,43	0,10
Benfeitorias	578,05	0,03	578,05	0,04
Irrigaçãõ	0,00	0,00	0,00	0,00
(N) Custo de Oportunidade da Terra	368,02	0,02	368,02	0,02
CUSTO TOTAL (L+M+N)	29.174,65	1,33	30.674,44	2,04
Produtividade Média (kg/ha)	22.000,00		15.000,00	

* A mãõ de obra foi calculada com base em diãrias - custava R\$ 45,00 na época.

** O cálculo do custo da safrá principal encontra-se separado da temporã porque não se aproveita a área podada da principal para a temporã. Por exemplo, o produtor com 1 hectare pode planejar 0,7 ha de poda para principal e 0,3 ha de poda para safrinha. Essa área da safrinha só pode voltar a ser safrinha em 2 anos.

Custo total com implantaçãõ de um parreiral em sistema espaldeira em São Miguel Arcanjo em 2012

Total investido na formaçãõ do parreiral - 1,5 ano (R\$/ha)	22.968,01
Total investido em estrutura (R\$/ha)	16.727,79
Total investido em benfeitorias (R\$/ha)	13.865,09
Total investido em máquinas e implementos (R\$/ha)	21.780,77
Preço médio de venda da terra (R\$/ha)	29.920,33

Obs: Dimensionamento de máquinas, equipamentos e benfeitorias para uma área de 2 hectares.

CUSTO DE PRODUÇÃO DA NIAGARA NA REGIÃO DE JALES

No Painel realizado na região de Jales, o custo de produção da uva niagara rosada também teve como base a temporada 2012. Definiu-se que a propriedade típica da região adota sistema de condução latada e o parreiral é irrigado, coberto por telados, o que previne contra chuvas de granizo. A área padrão é de 3,5 hectares de uva.

Diferente das regiões mais tradicionais no cultivo da niagara, os viticultores de Jales encontram-se em processo de adaptação da cultura a climas mais tropicais, substituindo as variedades finas, tradicionais na região, pela niagara. O produtor típico da região é agricultor familiar e, na safra de 2012, colhida entre junho e novembro, a produtividade média foi de 20 toneladas por hectare.

A mão de obra familiar foi remunerada com base no valor da diária regional, definida em R\$ 55,00. No Custo Operacional, o item correspondente à mão de obra também obteve a maior

representatividade, de R\$ 0,65 por quilo colhido, valor despendido com podas, desbrotas, amarrados, desfolha, adubações e pulverizações.

Em relação aos custos de recuperação do patrimônio total da propriedade, o principal item foi o CARP de implantação do parreiral, com 33% do CARP total. Este custo representa o valor anual a ser poupado para que ao final da vida útil do parreiral, estimada em oito anos de produção, o viticultor possa renovar o parreiral reaver o capital investido durante um ano e meio, de implantação com insumos, mão de obra, despesas gerais e custo de oportunidade do uso da terra.

Na safra 2012, - da poda de formação a colheita - das 63 pulverizações efetuadas, 60 foram com fungicidas. Na região de Jales, a maior utilização de reguladores vegetais deveu-se à aplicação de Ethrel, antes da poda de produção, com a finalidade de desfolha, realizada para uniformizar e melhorar a capacidade de brotação da videira.

PRINCIPAIS ITENS DO INVENTÁRIO DA PROPRIEDADE TÍPICA DA REGIÃO DE JALES

Máquinas/Implementos/Utilitários

- 2 tratores
- 1 utilitário
- 2 pulverizador atomizador
- 3 pulverizadores costais
- Implementos (roçadeira, adubadeira, carreta e sulcador)
- Ferramentas (tesouras, alceadores e cavadeira)

Benfeitorias

- 1 barracão
- 1 depósito

Estrutura de Parreiral

- Mourões, arames e telado (estrutura latada)

Irrigação

- Sistema de microaspersão (bico, mangueiras e registros)

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UVA NIAGARA ROSADA NA REGIÃO DE JALES (SAFRA 2012) - Agricultura Familiar: 3,5 hectares

Itens	Safrá Principal		% CT
	R\$/hectare	R\$/kg	
(A) Insumos	10.588,25	0,53	23%
Adubaçãõ	5.599,09	0,28	12%
Defensivo	4.989,16	0,25	11%
(B) Operaçãõ mecânica	1.725,52	0,09	4%
(C) Irrigaçãõ	1.204,17	0,06	3%
(D) Mãõ de obra	12.966,13	0,65	28%
Pulverizações	2.825,71	0,14	6%
Adubações	697,30	0,03	2%
Tratos culturais	9.443,12	0,47	20%
(E) Equipamentos e utensílios de campo	266,88	0,01	1%
(F) Despesas gerais	2.629,37	0,13	6%
(G) Custo de colheita	3.694,09	0,18	8%
Colheita	2.991,55	0,15	6%
Transporte interno	702,54	0,04	2%
(H) Juros do Capital de Giro	2.360,37	0,12	5%
(I) Custo Operacional (A+B+C+...H)	35.434,77	1,77	76%
(J) CARP	10.611,65	0,53	23%
Implantaçãõ	3.549,50	0,18	8%
Estrutura do parreiral	3.328,86	0,17	7%
Implementos	459,06	0,02	1%
Máquinas	1.689,46	0,08	4%
Benfeitorias	211,37	0,01	0%
Irrigaçãõ	1.373,40	0,07	3%
(N) Custo de Oportunidade da Terra	294,45	0,01	1%
CUSTO TOTAL (L+M+N)	46.340,88	2,32	100%
Produtividade Média (kg/ha)	20.000,00		

* A mãõ de obra foi calculada com base em diárias - custava R\$ 55,00 na época.

** Não tem safra temporã em Jales (SP), só a principal.

Custo total de implantaçãõ de um parreiral conduzido em sistema latada na regiãõ de Jales em 2012

Total investido na formaçãõ do parreiral - 1,5 ano (R\$/ha)	36.174,71
Total investido em estrutura (R\$/ha)	65.234,15
Total investido em benfeitorias (R\$/ha)	5.928,55
Total investido em máquinas e implementos (R\$/ha)	40.259,50
Preço médio de venda da terra (R\$/ha)	23.939,02

Obs: Dimensionamento de máquinas, equipamentos e benfeitorias para uma área de 3,5 hectares.

ANÁLISE COMPARATIVA DE CUSTOS DAS TRÊS REGIÕES

Das três regiões que produzem niagara, Jales apresentou o maior Custo Operacional e também Total, devido à maior necessidade de mão de obra ao longo do ano para as duas podas (formação e produção) e pelo elevado número de pulverizações (63). Além da mão de obra, os parreirais de Jales são irrigados – tanto a energia elétrica quanto a manutenção geram custos.

Em situação oposta, com os menores custos Operacional e Total, está a região de São Miguel Arcanjo. Neste caso, a justificativa vem do valor médio da diária inferior ao das demais regiões (R\$ 45,00, contra R\$ 55,00) e também da boa produtividade média (22 t), o que favoreceu a redução do custo por quilo.

Entre os defensivos, fungicidas representaram o principal dispêndio dos viticultores, variando de R\$ 477,07 por hectare na safra principal em Campinas, durante cinco meses, a R\$ 3.339,94 por hectare na safra principal em Jales, ao longo de um ano. Nesta região, foram feitas 60 pulverizações com fungicidas durante a safra da uva niagara rosada – da poda de formação até a colheita. Isso acontece pelo período mais longo em relação às safras de São Miguel Arcanjo e a principal de Campinas e também pelo clima quente e úmido que afeta o microclima nos parreirais, conduzidos em latada, pesando para a ocorrência de doenças como o míldio, principalmente após o período de brotações.

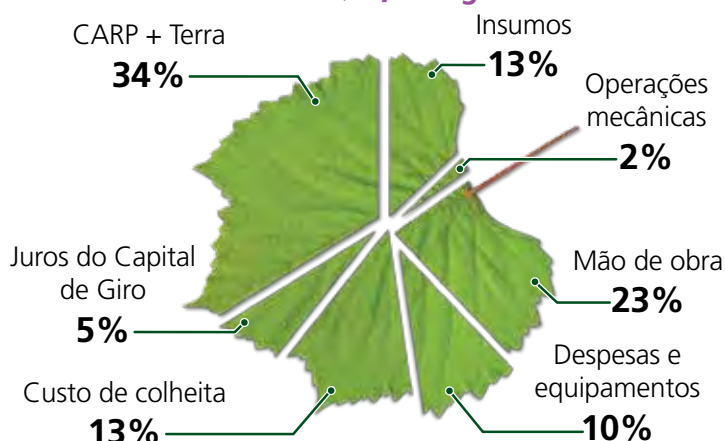
Em relação aos gastos com fertilizantes, o maior custo, nas três regiões, foi com aquisição de matéria orgânica – utilizada na adubação da videira na forma de esterco de galinha, de gado e cobertura vegetal proveniente de palhada. Esse foi o adubo mais frequente nas propriedades; em algumas, não foram utilizados fertilizantes formulados nem foliares.

COMPARAÇÃO DO CUSTO DE PRODUÇÃO DA SAFRA PRINCIPAL DE CAMPINAS, JALES E SÃO MIGUEL DO ARCANJO

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total (%)

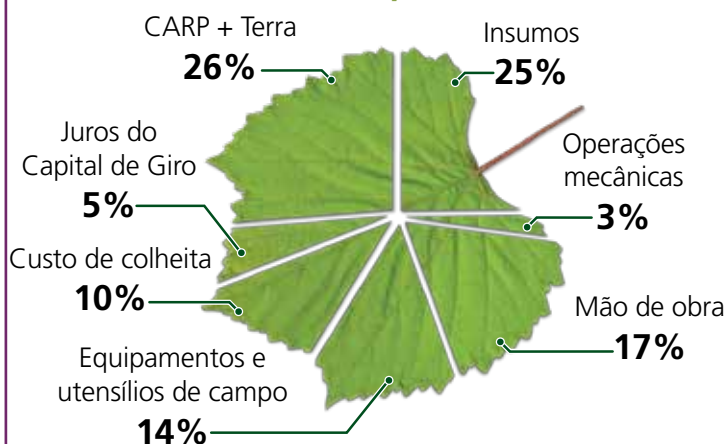
Campinas - sistema espaldeira (14 t/ha)

CT = R\$ 1,85/kg



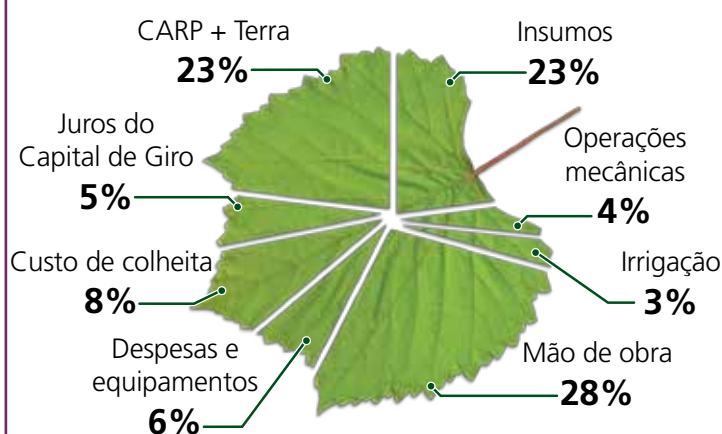
São Miguel Arcanjo - sistema espaldeira (22 t/ha)

CT = R\$ 1,33/KG



Jales - sistema latada (20 t/ha)

CT = R\$ 2,32/KG



Soluções FMC formando a cultura da uva com as peças certas.

A FMC está atenta às mudanças e demandas na cultura da uva. Para isso, estudou este cenário e reposicionou seus produtos para montar um manejo de qualidade, lançando o Soluções Combinadas.

A uva contará com as peças certas no momento certo, encaixadas para o alcance da máxima eficácia, desempenho e resultados no cultivo.



SOLUÇÕES COMBINADAS

HF



Acesse solucoescombinadasfmc.com.br e conheça nossas iniciativas.



ATENÇÃO

Estes produtos e práticas de saúde humana, animal e ao meio ambiente. Consulte o fabricante e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo. Sempre use equipamento de proteção individual (roupa, luvas e máscara). Não coma, não beba e não fume durante o uso. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de segurança. Não misture com outros produtos. Não reutilize o produto.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. Venda sob RECEITUÁRIO AGRÔNOMO.



Mustang: produto em fase de cadastro para aplicação em culturas e estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio de Janeiro e Tocantins. Ranman: produto registrado Ishikawa. Silwet L-77: produto registrado Mobimex.

fmcagricola.com.br

SISTEMA “Y” PODE SER ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL ECONOMICAMENTE PARA A PRODUÇÃO PAULISTA DE UVA NIAGARA

As planilhas de custo apresentadas referem-se aos dois sistemas mais tradicionais de condução de um parreiral de niagara no estado de São Paulo: latada e espaldeira. No entanto, ambos têm limitações e parte delas pode ser superada com uma nova alternativa que vem sendo testada pelos produtores: o sistema de condução “Y”.

Os produtores que participaram dos três Painéis relataram que estão fazendo testes ou pelo menos analisando a viabilidade de se implantar o sistema “Y” na sua propriedade – os mais interessados são de São Miguel Arcanjo e de Campinas. Segundo produtores de Jales, a falta de experiência com o novo sistema de condução e o gasto elevado para converter a estrutura latada já existente para “Y” são fatores que limitam a difusão mais rápida desta tecnologia na região.

Mas, no geral, produtores veem vantagens na troca de sistema. Quando comparado ao sistema espaldeira, o “Y” garante melhor qualidade do cacho e produtividade; frente ao latada, o “Y” se sobressai principalmente pela redução de mão de obra para os tratamentos culturais e melhor ergonomia do trabalhador, pois ele trabalha em posição ereta e na sombra. O uso do sistema “Y” não está restrito à niagara. Viticultores também estão obtendo bons resultados na produção de uvas finas, inclusive das sem sementes (no caso do Vale do São Francisco).

Mas, e quanto aos custos? O sistema “Y” é competitivo? Apesar de a amostra de produtores que já utilizam o “Y” em escala comercial ser reduzida no estado de São Paulo, aqueles que já estão testando o sistema

nas regiões de Jales, São Miguel do Arcanjo e Campinas sinalizam que é um sistema competitivo.

Em uma propriedade localizada na região de Campinas foi possível ter uma estimativa da produtividade e dos custos do sistema “Y” para a produção da niagara rosada. Com produtividade de 22 toneladas (somente a safra principal) e adensamento de 2.222 plantas por hectare, o custo operacional do “Y” foi de R\$ 1,05/kg e o custo total, em torno de R\$ 1,50/kg. Esses valores são competitivos e foram obtidos com a redução do número de diárias (menor demanda por mão de obra). Além do custo, a qualidade da fruta colhida em “Y” foi melhor que a da obtida no sistema tradicional de espaldeira na região – foi melhor o desenvolvimento do cacho.

Produtores de Campinas que já têm esse novo sistema implantado estão constatando que ele é mais produtivo e exige menos mão de obra que o sistema espaldeira. Mas, quando comparado o investimento inicial de um e outro sistema, o “Y” torna-se caro. A instalação das estruturas de condução no sistema “Y” pode chegar a R\$ 40.000/ha (estruturas de madeira e telado incluso), enquanto que, em espaldeira, o custo é em torno de R\$ 17.500 por hectare. Apesar disso, no médio prazo, o investimento tende a compensar porque permite redução da mão de obra, fator cada vez mais escasso e caro na região.

Apesar da sinalização positiva para a troca desse sistema, antes de qualquer ação, o viticultor deve fazer um estudo detalhado de custos e benefícios para as suas condições específicas. ■

AGRADECIMENTO: A Hortifruti Brasil agradece o mestre Fernando Perez Cappello e o seu orientador Prof. Marcel Bellato Spósito por ceder parte dos dados da pesquisa de custo de sua dissertação de mestrado. Agradecemos também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), apoiador financeiro do estudo.

UM PAÍS COM TANTAS
CULTURAS MERECE AS
MELHORES SOLUÇÕES
PARA O CAMPO.



SOLUÇÃO AJINOMOTO PARA FRUTAS

O Brasil é rico em culturas, as populares e as que alimentam. Para essas, a Ajinomoto apresenta um portfólio completo de produtos que garantem o aumento na produtividade da uva, manga, maçã, banana, melão e tantas outras frutas. Conheça as soluções Ajinomoto e descubra que **inovação, tecnologia e qualidade** é a nossa marca no campo.

www.ajinomotofertilizantes.com.br

Fertilizantes
AJINOMOTO

Vamos além para produzir com melhor qualidade.

O DuPont Programa Uva foi desenvolvido para proporcionar resultados ainda melhores na lavoura. É uma estratégia no manejo das principais pragas e doenças para melhorar a produção e a qualidade da colheita. Para ir além mais uma vez, descubra DuPont Programa Uva.

Tradição e confiança na obtenção dos melhores resultados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2014 DuPont. Todos os direitos reservados. DuPont Oval Logo, DuPont™ e todos os produtos mencionados com ® ou ™ são marcas ou marcas registradas da E. I. du Pont de Nemours and Company ou de suas afiliadas. Kocide® WDG: marca registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como Kocide® WDG Bioactive. Out/2014



DuPont Programa Uva

**DuPont[™]
Equation[®]**
fungicida

**DuPont[™]
Midas[®] BR**
fungicida

**DuPont[™]
Kocide[®] WDG**
fungicida

**DuPont[™]
Curzate[®]**
fungicida

**DuPont[™]
Rumo[®] WG**
inseticida



PREVENÇÃO

DuPont Programa Uva protege desde a fase inicial da lavoura, proporcionando vigor e qualidade.



PERFORMANCE

Eficiência na utilização de produtos de alta performance.

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



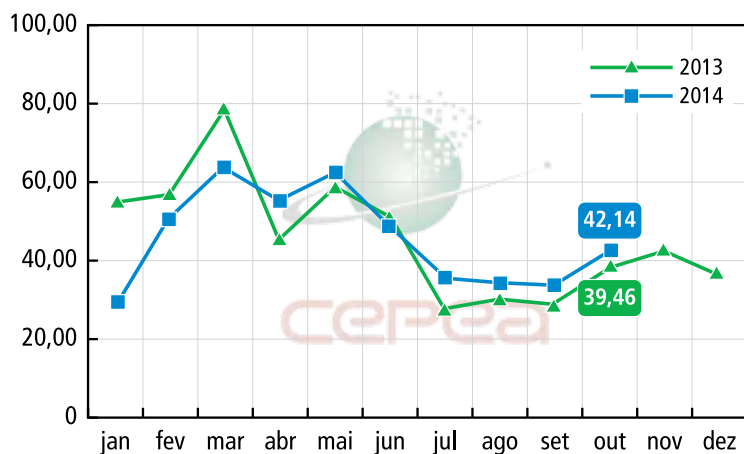
Área da temporada 14/15 diminui com falta de chuva

Começa safra de verão 14/15

Em novembro, produtores de tomate das regiões de Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Nova Friburgo (RJ) e Reserva (PR) iniciam a colheita da safra de verão 2014/15. As demais praças (Caçador – SC, Caxias do Sul – RS e Agreste Pernambucano) devem começar a temporada em dezembro. Dessa forma, a oferta de frutos deve se intensificar nos próximos meses, com pico das atividades previsto para janeiro e fevereiro. Até o início de novembro, apenas Venda Nova do Imigrante havia concluído o transplântio da área planejada de agosto a outubro. Nas demais regiões, tomaticultores levaram a campo menos pés de tomate que o esperado nesse mesmo período. Entretanto, como as atividades de transplântio dessas praças devem finalizar entre dezembro e janeiro, produtores ainda podem intensificar o plantio até lá. Essa redução de área ocorre, principalmente, por consequência da falta de chuva. Até o início de novembro, as lavouras de Venda Nova do Imigrante, Nova Friburgo e Itapeva não haviam registrado incidência de pragas ou doenças, mas, em Reserva, alguns agricultores tiveram problemas com o vira-cabeça, o que já causou perdas de 10% dos pés de tomate plantados.

Primeira parte da safra de inverno está quase encerrada

A colheita da primeira parte da safra de inverno praticamente se encerra totalmente neste



mês. Dentre as regiões que ainda estão ofertando tomate, quatro finalizam as atividades de colheita em novembro, sendo elas Pará de Minas (MG), Mogi Guaçu (SP), Itaocara (RJ) e Guarapuava (PR), restando apenas Araguari (MG), que deve terminar em dezembro. Em novembro, devem ser ofertados 1,1 milhão de pés, que correspondem a apenas 2% do total cultivado na safra e, em dezembro, os 600 mil pés restantes, encerrando a primeira parte da temporada. A primeira parte da safra de inverno foi bastante conturbada. Devido a problemas com o vira-cabeça e geminívirus no primeiro semestre, e com a seca na segunda metade do ano, houve reduções na área e na produtividade. Ao longo da safra, porém, as viroses foram amenizadas e a produtividade das lavouras se elevou, pressionando as cotações. Ainda é cedo para afirmar qual será a área da primeira parte da safra de inverno 2015, mas produtores declaram que estão desestimulados para investir mais no ano que vem, e a estimativa inicial é de estabilidade na área cultivada.

Novembro tem pico de colheita da 2ª parte da safra de inverno

Enquanto as atividades da primeira parte da temporada de inverno rumam para o fim, o pico de colheita da segunda parte deve ocorrer neste mês em Sumaré (SP), Sul de Minas (MG), Paty de Alferes (RJ) e Norte do Paraná (PR). Com o término do transplântio em setembro, confirma-se que a área total cultivada na segunda parte da safra de inverno é de 11,7 milhões de pés de tomate, elevação de 9% na área em relação à segunda parte da safra do ano passado. Esse aumento se deu em consequência da ampliação da área em Paty do Alferes, onde tomaticultores apostaram no transplântio de maior quantidade de mudas de tomate devido aos elevados preços na safra anterior. Do início das atividades de plantio, em junho, até o início de novembro, as lavouras dessas regiões não tiveram problemas com pragas ou doenças. Entretanto, o grande entrave continua sendo a falta de água e as temperaturas elevadas.



Preço volta a subir em outubro

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Tomate salada BS IS0008.

Amor à primeira safra.



Plantação produtiva e com belos frutos, enche os olhos de todo produtor. As sementes do tomate híbrido **BS IS0008** foram desenvolvidas e melhoradas para gerar excelentes tomates, firmes, resistentes a várias doenças e que se adaptam a diversas regiões do Brasil. Blueseeds, resultados no azul. Vermelho, só o tomate.

Resistente às doenças:

Fusarium raça 1 e 2, Mosaico do Tabaco, Nematóides galhas, *Verticillium* sp raça 1, Vírus do vira cabeça e tolerante ao Geminivírus.

Distribuidor  no Brasil.

Praça dos Crisântemos, 110 - Jardim Holanda | Holambra/SP
Tel: +55 (19) 3802.2588 • WWW.BLUESEEDS.COM.BR

Blueseeds



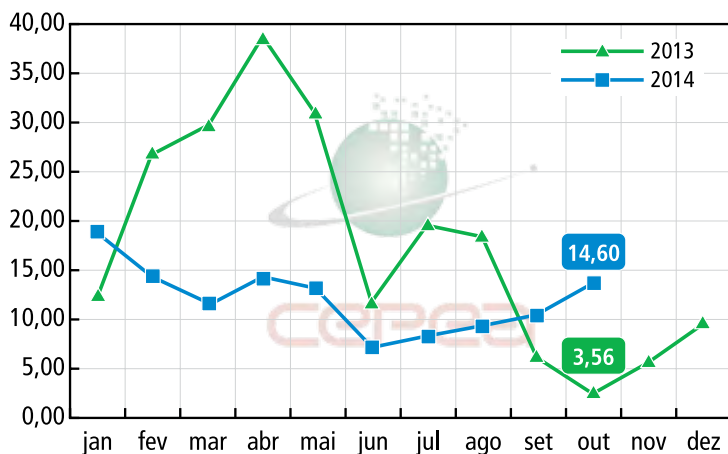
foto: Seminis

Temporada de verão deve se iniciar com preços elevados

Safra de verão 2014/15 começa em dezembro

A colheita da safra de verão 2014/15 deve se iniciar em dezembro na maioria das regiões produtoras do País: Minas Gerais, Paraná, Goiás e Bahia. A expectativa de produtores é de que a raiz esteja valorizada no início da temporada. Isso porque alguns cenouricultores de Minas Gerais, principal estado produtor, tiveram dificuldades no plantio devido à falta de chuvas, o que fez com que a área tivesse recuo de 5% neste ano frente a 2013. A partir de novembro, as chuvas devem se normalizar em Minas Gerais, segundo a Somar Meteorologia. Assim, a área de plantio das variedades de verão no estado deve se recuperar ainda neste ano. Até o final de novembro, quase 80% do total esperado para a safra de inverno 2014 (considerando-se todas as ofertantes) deve ser colhido em praticamente todas as áreas que participam da temporada. O restante deve ser colhido até o final de dezembro. Apenas as praças gaúchas de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria devem prolongar o calendário até março de 2015, por conta das baixas temperaturas. Em novembro, a expectativa é que a cenoura já tenha preços maiores, pois, devido ao clima seco no Sudeste, as raízes estão mais miúdas, o que valoriza aquelas de maior calibre e melhor qualidade, sobretudo a tipo "G".

Produtividade em MG diminui com o clima seco



Após um longo período de boa produtividade, a falta de chuvas começou a prejudicar o desenvolvimento das lavouras em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG). Dessa forma, pode-se observar que a oferta continua se reduzindo gradualmente no correr desta safra de inverno 2014. Em outubro, a média de produtividade foi de 79,7 t/ha, 16,3% inferior à de setembro e 9,4% menor que a de outubro/13. Com o clima seco durante quase todo o ano, agricultores da região mineira começaram a enfrentar problemas com o desenvolvimento e qualidade das raízes, que estão miúdas e murchas. Assim, a menor oferta de cenoura elevou as cotações. O preço médio de venda em MG subiu 24,6% entre setembro e outubro, vendida a R\$ 14,60/cx "suja" de 29 kg. De acordo com produtores consultados pelo Cepea, a expectativa é de que, ao final de novembro, cerca de 65% do total das cenouras de variedade de inverno sejam colhidas. Em relação ao preço, espera-se aumento pelo menos até o final da safra de inverno, em meados de dezembro/14 e janeiro/15.

RS pode ter intervalo de colheita em dezembro

As fortes chuvas em julho e agosto ainda geram consequências no RS. Devido à dificuldade para entrar no campo (plantio e preparo da terra), essas atividades não puderam ser feitas de forma adequada naquele período, o que deve resultar em um intervalo de colheita previsto para meados de novembro. O plantio e o preparo da terra só puderam ser retomados em setembro, quando a intensidade da chuva diminuiu. Com isso, este intervalo pode durar entre uma e duas semanas, período em que a hortaliça que foi plantada após o término do clima chuvoso pode ter seu ciclo de maturação concluído. Com a menor oferta, as cotações podem subir ainda mais até o fim de 2014. De modo geral, pode-se notar que, em toda a safra de inverno deste ano, as cotações nas praças do Rio Grande do Sul estiveram em patamares elevados. Se comparadas as médias de setembro e outubro da safra passada, a temporada 2014 teve preços 22% mais elevados, a R\$ 17,26/cx "suja" de 29 kg.

Seca e menor oferta impulsionam cotação em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg



Fonte: Cepea



O QUE DEIXA O TOMATE MAIS ALEGRE ?

As pesquisas demonstram que, com estímulos certos, as hortaliças respondem com mais cor e sabor. Este é o trabalho da Stoller: ajudar as plantas a lidar com o estresse e expressar todo o seu potencial genético, produzindo mais. Descubra como ativar o poder das suas plantas: acrescente Stoller.



Em 56 países, com 41 anos de Brasil.
Mais pesquisas, tecnologias e resultados.
Informações e produtividade para o campo.

www.stoller.com.br





Produtor do PR e RS inicia colheita das águas em novembro

Começa neste mês a safra das águas 2014/15 de batata nas regiões paranaenses de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul e em Ibiraiaras (RS). Bataticultores de Curitiba e São Mateus do Sul devem ser os primeiros a colher, na primeira quinzena. Já em Ponta Grossa e Irati os trabalhos estão programados para o fim de novembro. As lavouras das regiões paranaenses foram prejudicadas pelo excesso de chuvas em setembro, o que favoreceu a incidência de requeima e lixiviação de fertilizantes no solo, principalmente em Ponta Grossa e Irati, onde a precipitação foi mais volumosa. Já em Curitiba e São Mateus do Sul, foram as altas temperaturas registradas na primeira quinzena de outubro, aliadas ao clima seco, que prejudicaram o desenvolvimento das batatas. Assim, o tubérculo nestas duas praças pode ficar com menor calibre e amarelado e apresentar produtividade de 10% a 15% menor. No Rio Grande do Sul, o excesso de chuva em setembro também pode reduzir a produção em até 10%. Contudo, em outubro, as temperaturas foram mais amenas e as precipitações mais constantes, o que garantindo boa disponibilidade hídrica para a cultura. Em relação às áreas cultivadas, nas regiões paranaenses as áreas cultivadas permaneceram constantes em relação à temporada passada, já na região gaúcha houve recuo de 5%, motivados pelos resultados negativos na safra das secas 2014, destaca-se ainda na região na gaúcha o avanço da área destinada a indústria. Nos dois estados sulistas,

o pico de safra deve ocorrer em dezembro, quando deverão colher entre 60% e 70% das áreas, e o encerramento do cultivo está previsto para janeiro/15.

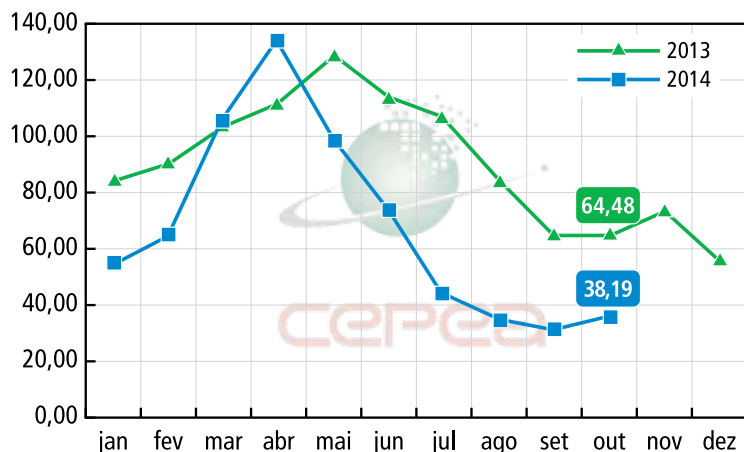
Seca pode reduzir e atrasar o cultivo das águas 2014/15

A maioria das regiões que produz batata durante a safra das águas ainda enfrenta os efeitos da seca. A exceção é o Sul do País, onde a chuva tem sido mais constante. Bataticultores do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul de Minas Gerais, duas das mais importantes praças produtoras na temporada, ainda não definiram quando vão iniciar a safra 2014/15. No Sul de Minas, havia expectativa de aumento no cultivo, uma vez que, no geral, a rentabilidade na temporada 2013/14 foi satisfatória. Além disso, tem boa quantidade de batata-semente armazenada nas câmaras frias. No Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, somente em áreas irrigadas a produção deve se manter, porém, boa parte da safra das águas é cultivada em sequeiro. Diante disso, a maioria dos produtores mineiros está cautelosa e, até o final de outubro, muitos não arriscavam cultivar em áreas não irrigadas. A partir do momento que o regime de chuva se regularizar no estado, é provável que haja intensificação do plantio, com concentração das atividades. De acordo com o Cptec/Inpe, há previsão de chuvas isoladas para as regiões mineiras já a partir do início de novembro.

Importação de batata processada segue em alta

O volume de batata pré-frita congelada comprada pelo Brasil tem sido crescente em 2014. Até setembro, foram importadas aproximadamente 216,7 mil toneladas, volume 7% superior ao de mesmo período do ano passado, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esse aumento é resultado do maior consumo de batata industrializada no Brasil frente à *in natura*. Considerando-se os últimos 10 anos, o aumento nas importações é de expressivos 268%. Além do avanço das compras do produto importado, o processamento no mercado interno também cresceu significativamente nos últimos anos.

Estiagem pode adiar plantio em Minas Gerais



Preço começa a reagir com menor oferta

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - 36,17 R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca



Alface Americana de Verão

Winslow e Ironwood



Comece o ano acertando na
escolha de seu material genético.

Características técnicas

Cabeça grande e pesada, ideal para mercado processo e fresco, excelente uniformidade e padronização de cabeça, peso médio 900 gramas. Boa tolerância a chuvas.



Conheça também as

Mini Alfaces Baby Leaf

Tamanho Baby com
sabor de gente grande.



www.eagleflores.com.br

Av. Dr. Arnaldo Godoy de Souza, 1685-A - Uberlândia - MG

+55 (34) 3238-3030

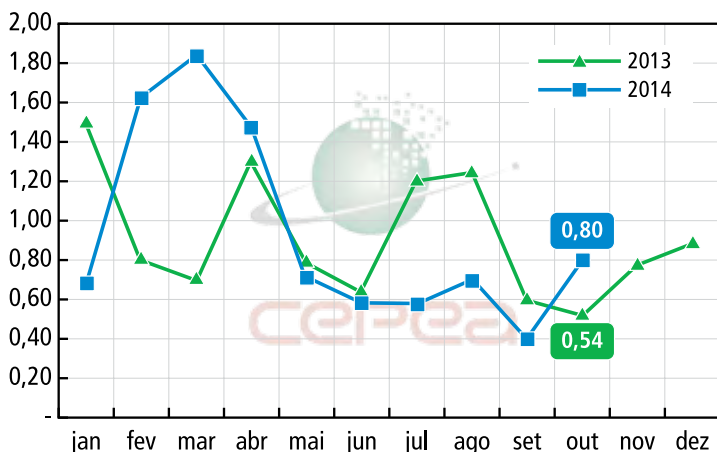
 **Eagle**[®]
Flores, Frutas & Hortaliças



Calor e chuva pontual elevam preço das folhosas em outubro

Oferta de folhosa tradicional diminui; hidropônicas ganham espaço

Os preços das folhosas subiram com força em outubro na Ceagesp, cenário que não era verificado desde maio. A alta nas cotações esteve atrelada à menor oferta, por conta de chuvas pontuais e do forte calor. A alface americana foi a que registrou a maior valorização, já que é a variedade mais sensível ao clima. Essa variedade foi comercializada no atacado paulistano por R\$ 14,53/cx 18 unidades, alta de 35% frente a setembro. As alfaces crespa e lisa produzidas nas roças paulistas, por sua vez, apresentaram queima de borda durante todo o mês, o que diminuiu a qualidade e também a oferta. Assim, as caixas com 24 unidades da crespa e a da lisa valorizam 27% e 24% de setembro para outubro, com as médias, respectivamente, de R\$ 10,69 e a R\$ 12,60. Por outro lado, as alfaces hidropônicas, por serem produzidas em cultivo protegido, com contenção de água e com controle rigoroso de pragas e nutrientes, registraram qualidade superior ao longo do mês. Com isso, as vendas da alface cultivada em hidroponia foram impulsionadas. Os valores da caixa de alface crespa e da lisa hidropônicas comercializadas na Ceagesp tiveram aumento de 22% e de 21%, respectivamente, em outubro frente aos de setembro. Caso as temperaturas sigam elevadas, a menor oferta e o consequente aumento nos preços devem persistir em novembro.



Falta de água e calor prejudicam folhosas em SP

O clima em outubro não foi nada favorável para a produção de folhosas. Apesar de chuvas localizadas terem ocorrido na segunda quinzena do mês, o volume de precipitação não foi suficiente para recuperar os reservatórios. Além disso, o cenário se agravou com a elevação das temperaturas – segundo a Nasa (agência espacial dos Estados Unidos), setembro de 2014 foi o mês mais quente da história mundial desde 1880. Em outubro, as máximas chegaram a 36°C em Mogi das Cruzes e em Ibiúna, 12°C acima da média histórica para o mês (24°C), conforme a Somar. As temperaturas muito quentes durante o dia e amenas à noite e chuvas irregulares resultaram em queima de borda nas três variedades de alface. A americana foi a que registrou a maior perda, com descarte de até 20% em relação ao total que seria ofertado no mês. De maneira geral, as alfaces ficaram murchas e apresentaram podridão interna. Para novembro, a Somar Meteorologia prevê chuvas dentro da média histórica na região Sudeste, que é de 165 mm em Mogi das Cruzes e 128 mm em Ibiúna, o que pode, pelo menos, amenizar a situação nas lavouras.

Transplântio de verão se inicia em ritmo lento

Ibiúna e de Mogi das Cruzes iniciaram o transplântio da safra de verão em outubro. Com as chuvas escassas, porém, o cultivo não foi intenso. Assim, as vendas de mudas foram baixas em outubro, atípico para esta época. De acordo com produtores, as vendas de mudas estiveram 10% inferiores às de outubro/13. Muitos produtores têm receio de aumentar a produção e perder os investimentos por falta de água. As temperaturas recordes registradas em outubro tornaram a germinação e o desenvolvimento das mudas lentos e enfraquecidos, o que também desanimou os produtores. Se faltar água em novembro, produtores não devem intensificar o transplântio e a oferta de folhosas pode diminuir no início da colheita de verão.



Preço da americana dispara na Ceagesp

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade

Fonte: Cepeca





Saborosas e crocantes, preparem-se para as alfaces do barulho

Brunela

Alface - frisee,
tropicalizada



Tolerância a Pythium e Tip Bum

Sementes Pelotizadas

Crocantela

Alface crocante
e tropicalizada



Tolerância ao Míldio e Tip Bum

Sementes Pelotizadas

Romanela

Alface romana
crocante



Tolerância ao Tip Bum

Sementes Pelotizadas

Rubanela

Alface crocante,
vermelha e tropicalizada



Tolerância ao Míldio

Sementes Pelotizadas

 **FELTRIN**
SEMENTES



Uma
iniciativa
você por a
futuro

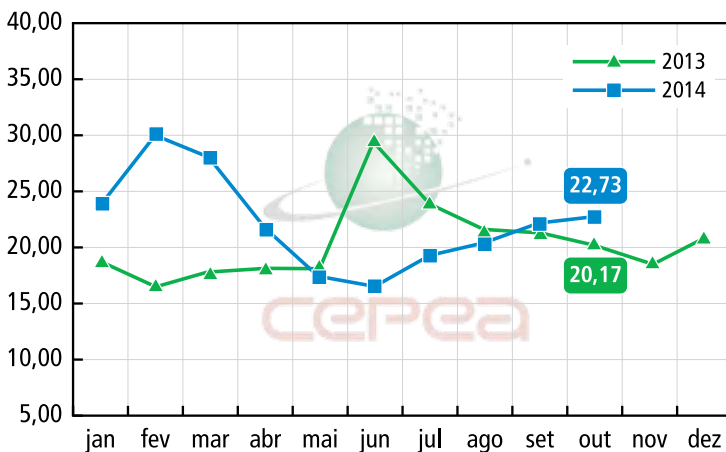
(54) 2109.4400
www.sementesfeltrin.com.br



Estiagem prolongada agrava cenário no Nordeste

Com falta de água, área plantada no NE diminui

As regiões produtoras do Rio Grande do Norte/Ceará e Vale do São Francisco (BA/PE) têm cultivado menos neste segundo semestre frente ao mesmo período de 2013. No RN/CE, a área recuou por conta da seca, que já vem ocorrendo severamente desde 2011, mas foi agravada nesta campanha. Produtores até tinham a intenção de manter o cultivo frente a 2013, porém, a falta de água para irrigação limitou investimentos, sobretudo no período de pico de plantio (setembro e outubro). Já no Vale, produtores reduziram os investimentos, pois estiveram receosos com a elevada concorrência no segundo semestre, quando a safra do RN/CE está a todo vapor. No entanto, alguns produtores estão preocupados com a vazão do Rio São Francisco para irrigar o melão. O cenário deste rio é o pior em 83 anos, desde que as vazões das hidrelétricas começaram a ser monitoradas, em 1931, pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf). Na represa de Sobradinho (BA), a água liberada pela barragem já teve diminuição de 20% – em meados de outubro, a vazão estava em 1.100 m³/segundo, sendo que o ideal é de 1.300 a 1.400 m³/segundo. Segundo a Chesf, a vazão foi reduzida porque o lago de Sobradinho estava com volume útil menor – em meados de outubro, estava em 23,7% da capacidade total. Neste cenário, a oferta de melão no mercado interno tem sido mais baixa – segundo levantamentos do Cepea, a disponibilidade da fruta, de julho até outubro/14, esteve 15% abaixo do observado no mesmo período de 2013.



Rentabilidade segue positiva no Nordeste

Com menor oferta de melão, altas temperaturas e boa produtividade, os preços neste segundo semestre estão mais elevados que em 2013. Neste cenário, grande parte dos produtores nordestinos tem registrado rentabilidade unitária positiva no período. No RN/CE, as cotações, de julho a outubro, estiveram 30% acima do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura – por unidade de comercialização. Já no Vale do São Francisco, os preços estiveram 24% acima na mesma comparação. Além da menor disponibilidade frente ao ano passado, a boa demanda, devido ao clima favorável (calor) para o consumo de frutas, favoreceu as vendas em outubro. Para novembro e dezembro, produtores do RN/CE e do Vale devem intensificar a colheita, com foco nas festividades de final de ano.

Mercado europeu está favorável ao Brasil

A temporada de melões de Castilla-La Mancha, na Espanha, foi encerrada oficialmente no início de outubro. Neste ano, a produção chegou a quase 300 mil toneladas na região, 15% menos que na temporada anterior, devido à diminuição da área, segundo notícia veiculada pelo portal espanhol ABC. Foram cultivados 8.654 hectares em Castilla em 2014. Desde outubro, o mercado da União Europeia tem sido abastecido pelo Brasil. Segundo notícia veiculada pelo *Fresh Plaza*, a demanda pela fruta está elevada no bloco, em especial no Reino Unido. Apesar da boa oferta, os preços da fruta brasileira estão maiores frente à safra passada, tendo em vista que importadores estão receosos quanto à disponibilidade até o final da campanha brasileira, por conta da seca. De acordo com dados do AMS/USDA, o melão amarelo foi cotado a US\$ 15,17/cx 10 kg, em média, em outubro, no porto de New Convent Garden, no Reino Unido, 42% acima do observado no mesmo mês de 2013.



Cotações seguem em alta em outubro
Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea





Produtores sulistas iniciam temporada

Produtores de cebola da região Sul começaram a colheita entre o final de outubro e início de novembro, com intensificação das atividades previstas a partir da segunda quinzena deste mês. Em São José do Norte (RS), a expectativa quanto à produtividade é positiva, já que o clima tem sido mais favorável que no ano passado. Em Irati (PR), a boa umidade também foi benéfica, principalmente para as variedades superprecoce e bola precoce, maioria na região. Quanto à variedade crioula, a produtividade pode ficar abaixo da média, já que a estiagem em parte do estado paranaense tem dificultado o desenvolvimento das lavouras. Em Ituporanga (SC), os bulbos seguem com desempenho dentro do planejado, com expectativa de boa produtividade. Lebon Régis (SC), por sua vez, foi a única região com excesso de chuva, principalmente em setembro. Esse cenário ocasionou perdas em áreas cultivadas, sobretudo das variedades precoces, que devem ter a produtividade comprometida. Apenas esta última praça deve iniciar a colheita em dezembro. A expectativa dos produtores, no geral, é de bons preços durante a safra sulista, pois, na média, a área cultivada não costuma gerar excesso de oferta. A previsão é que a temporada do Sul (considerando-se os três estados) se encerre em janeiro/fevereiro, enquanto a comercialização deve seguir até abril.

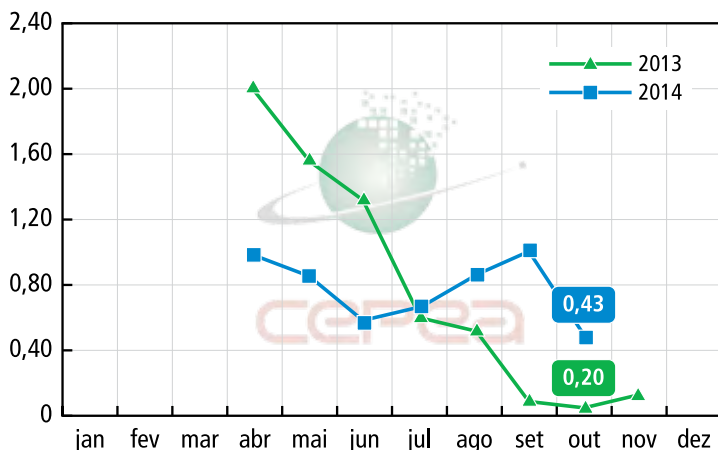
Oferta justa à demanda deve garantir bons preços na safra do Sul

Vale e Cerrado encerram colheita com boa rentabilidade

As regiões do Vale do São Francisco e Cerrado devem terminar a safra no final de novembro. Desde o início da colheita, em maio, os preços têm sido satisfatórios para produtores de ambas as praças. Na média da temporada (até outubro), os valores no Vale, ponderados pelo calendário de colheita e classificação, foram de R\$ 0,71/kg, 36% acima das estimativas de custos de produção. Apesar do resultado positivo, problemas climáticos na região reduziram a produtividade, desanimando alguns produtores a incrementar o cultivo neste segundo semestre, que teve recuo de 15% na área frente ao mesmo período do ano passado (julho a novembro). Já o Cerrado teve um segundo pico de colheita em outubro, uma vez que era previsto uma entressafra nacional. No mês passado, não houve aumento significativo das cotações por conta da importação de cebolas da Europa, considerada atípica para o período. Os valores de R\$19,74/sc de 20kg, ponderados pelo calendário de colheita (maio a junho) e classificação do Cerrado, ficaram 72% acima dos custos. Os preparativos para a próxima safra do Vale do São Francisco e do Cerrado devem começar em fevereiro.

Nordeste concentra oferta no final do ano

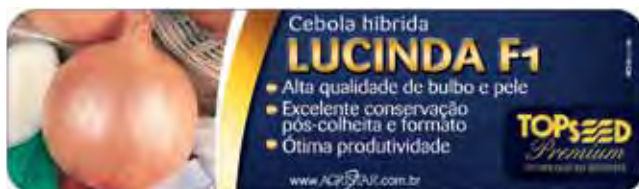
A oferta de cebola nas regiões de Irecê (BA) e Mossoró (RN) aumentou neste mês. Em Irecê, agricultores programaram a intensificação da colheita entre novembro e dezembro, na expectativa de bons preços. A praça baiana vem ofertando desde abril e deve seguir até o final do ano. Em janeiro, costuma chover bastante na região, inviabilizando a colheita. Já em Mossoró houve atraso de um mês no plantio e o pico da safra deve ocorrer entre os meses de novembro e dezembro. A temporada potiguar se iniciou em outubro - normalmente começa no mês anterior - e deve seguir até janeiro. A expectativa é que os preços sejam favoráveis aos produtores, por conta a oferta controlada do Sul.



Importada derruba preços das cebolas nacionais

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepeca





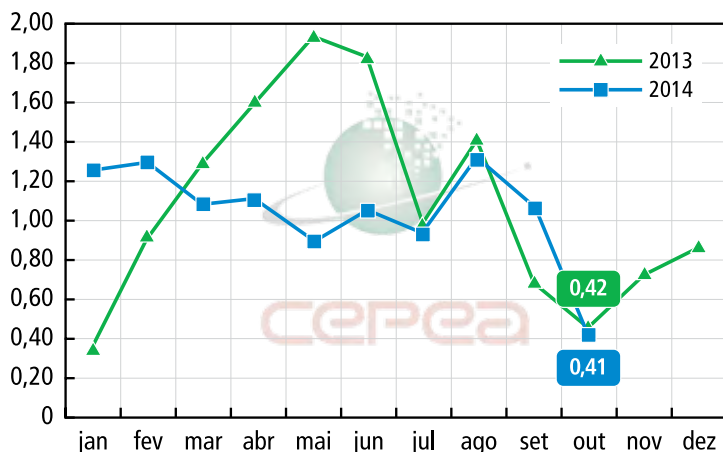
Começa colheita de *tommy* em São Paulo

Seca reduz calibre da manga

No final de outubro, produtores da região de Monte Alto/Taquaritinga (SP) iniciaram a colheita de manga *tommy*. Como previsto, a longa seca em todo o estado de São Paulo afetou os pomares, e o volume colhido até o mês passado era cerca de 40% menor que o esperado para esta safra, mas ainda superior ao de 2013. No entanto, este não foi o único reflexo negativo na produção: o calibre da manga está menor que o normal. De acordo com produtores, a falta de chuvas e o forte calor adiantaram o amadurecimento da manga, que ainda estava com a polpa pequena. Com isso, a primeira colheita de *tommy* foi de frutas miúdas. Esta situação não deve afetar toda a safra paulista, pois a previsão é que o regime de chuvas deve ser regularizado em novembro. Assim, as frutas que ainda estão em desenvolvimento podem ser beneficiadas, e o calibre deve voltar ao normal. Quanto aos preços, no início da safra, devem ficar em baixos patamares devido ao tamanho da fruta: o calibre pequeno tem menor valor comercial no mercado. Além disso, o volume ofertado pelo Vale do São Francisco em novembro é significativo, pressionando ainda mais as cotações da manga paulista.

Livramento termina safra antes do previsto

Diferente dos anos anteriores, quando produtores de Livramento de Nossa Senhora/Dom Basílio (BA) colhiam grande volume de manga no



último trimestre do ano, nesta safra de 2014 o total será bem baixo. Mesmo com alguns produtores colhendo, a região praticamente encerrou a safra deste ano. Devido à seca observada na região desde 2012, a produção de manga vem diminuindo gradativamente. Prova disso é a redução da área de 2014 em comparação com a anterior: diminuiu 14,6%, totalizando 10.035 hectares neste ano. Quanto à oferta, foi escalonada no primeiro semestre, devido à falta de chuvas. Mesmo a mangueira sendo uma árvore resistente a altas temperaturas e à baixa umidade, o excesso de calor tem afetado o volume a ser colhido e reduzido a qualidade das mangas (menor calibre). Na parcial do ano (maio a outubro), a manga *palmer* foi comercializada na região a R\$ 1,38/kg, em média, 30% menor que no mesmo período de 2013. Apesar de a rentabilidade por unidade de comercialização estar elevada, a cultura só foi rentável para produtores que tiveram boas produtividade e qualidade.

Desempenho de exportações tem ligeira queda em 2014

Os embarques de manga para os Estados Unidos e para a União Europeia estão apenas 1% menores no acumulado deste ano (janeiro a setembro) se comparados ao mesmo período de 2013, segundo a Secex. Os envios neste ano totalizaram 57,8 mil toneladas – destas, 11,2 mil toneladas foram exportadas para os EUA, volume 27% inferior ao do mesmo período de 2013. Não apenas no Brasil, mas também no Equador e no Peru, que competem com o Brasil nos envios do segundo semestre para a UE, o volume exportado também foi menor devido ao clima mais quente na América do Sul durante os meses das floradas. Ambos os países tiveram suas produtividades reduzidas em 40% e 30%, respectivamente. Já o Brasil estava com baixa oferta até outubro, mas, com o Vale do São Francisco intensificando a colheita e as praças paulistas iniciando a safra, as exportações brasileiras podem se recuperar até o final do ano. Quanto aos preços obtidos por exportadores, estes variam semanalmente, dependendo do volume disponível para embarque.



Preço da *tommy* reage em novembro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea





Pronutiva: Soluções integradas de Proteção e Nutrição da Arysta LifeScience.

ATENÇÃO

Este produto é destinado à proteção de plantas e não deve ser utilizado em alimentos. Não utilizar em áreas de cultivo de alimentos. Não utilizar em áreas de cultivo de alimentos. Não utilizar em áreas de cultivo de alimentos.

SELO PASSAPORTE VERDE
ENGENHARIA DE PROTEÇÃO
TENDA BOA PROTEÇÃO
NUTRICIONAL



LANÇAMENTO

DÊ O SINAL VERDE
PARA SUA PRODUÇÃO!



O SELO PASSAPORTE VERDE foi criado para atender às necessidades do campo. Ele identifica os produtos orgânicos e biológicos da Arysta LifeScience que atendem às exigências do mercado internacional.

A Arysta LifeScience traz para o mercado a proteção que acaba com o oídio e garante o verde da sua produção.

Kaligreen é um fungicida com ação de choque. Não deixa resíduo e promove sustentabilidade ao seu negócio.

- Ingrediente ativo de Bicarbonato de Potássio
- Tecnologia microencapsulada
- Certificado orgânico para os mercados dos EUA, Alemanha e Japão



Arysta na web. Conheça nossos canais de comunicação:



fb.com
/ArystaBrasil



radioarysta
.com.br



arystanocampo
.com.br



Arysta LifeScience



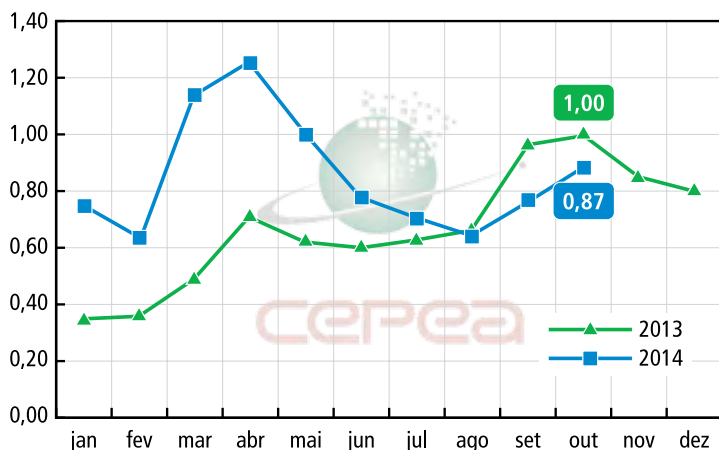
Falta de chuva pode limitar alta de preço na BA

Estiagem na Bahia prejudica qualidade da prata

Banicultores de Bom Jesus da Lapa (BA) estão preocupados com a falta de chuvas. O escasso volume de água nos reservatórios e o baixo nível dos rios, além das elevadas temperaturas, fizeram com que o tempo de irrigação dos bananais passasse de 18 para apenas 12 horas. O menor tempo de irrigação, por sua vez, tem prejudicado a qualidade da banana. A prata está com menor calibre. Ainda sem previsões de volumes significativos de chuva, a tendência é de que a qualidade da banana se mantenha baixa ao longo de novembro, o que deve limitar a alta das cotações da fruta da Bahia.

Brasil quer ampliar popularidade da prata no exterior

Apesar de grande produtor de banana, o Brasil comercializa no mercado interno a maior parcela da fruta colhida. No entanto, agentes brasileiros têm tentado ampliar a popularidade da banana prata no mercado externo, principalmente na Europa. Mesmo com preço mais elevado – aproximadamente o dobro do valor da nanica –, a prata tem sido apresentada em várias feiras e eventos internacionais que reúnem agentes do setor, de forma que sua aceitação tem crescido. Em meados de outubro, uma embarcação carregada de prata foi enviada a Portugal. Caso a experiência de envio seja positiva, o Brasil poderá passar a exportar rotineiramente a variedade para a Europa.



Produtores estão otimistas com a possível entrada da variedade no mercado europeu. As maiores dificuldades da exportação da variedade, porém, estão nos cuidados com pós-colheita e na logística brasileira. Pesquisas têm sido desenvolvidas para identificar os períodos ideais para a colheita da fruta, assim como a temperatura ótima para que a prata atinja seu destino final com qualidade ideal para consumo.

Chiquita agora é brasileira!

A multinacional norte-americana Chiquita, maior fornecedora de bananas do mundo, foi comprada pela parceria da Cutrale com o Grupo Safra no final de outubro. A brasileira dispendeu US\$ 14,50 por ação. O acordo foi avaliado em 1,3 bilhão de dólares. Anteriormente à compra, a Comissão Europeia (CE) tinha aprovado a fusão da Chiquita com a irlandesa Fyffes. A CE informou que, apesar do domínio de grande parte do setor pelas duas empresas, a criação da ChiquitaFyffes não prejudicaria concorrentes do mercado e consumidores ainda teriam à disposição uma quantidade significativa de outros fornecedores de banana. Porém, antes da votação dos acionistas da Chiquita sobre esta fusão, no dia 24 de outubro, a Cutrale e o Grupo Safra fizeram nova proposta, mais tentadora, aos acionistas da empresa, o que fez com que eles recusassem a proposta de fusão.

Equador deve ter novo recorde de exportações este ano

Banicultores do Equador estão bastante satisfeitos com as exportações deste ano. A Associação de Exportadores de Banana do Equador (AE-BE) já estima maior volume em neste ano frente a 2013. O país poderá atingir 200 milhões de caixas até dezembro, ultrapassando o recorde de 2011. Dentre os principais fatores que justificam o bom desempenho do Equador estão o clima favorável à cultura e o grande potencial de crescimento para o setor. Produtores acreditam que novos investimentos do governo na bananicultura deverão garantir números ainda maiores para 2015.

Preço da nanica continua subindo em outubro

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg



Fonte: Cepea



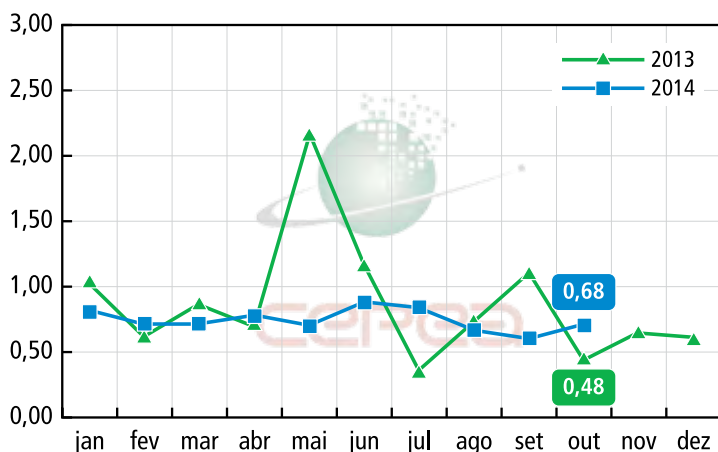


Preços podem subir em novembro

Com estresse hídrico, oferta deve recuar

Produtores de mamão das principais regiões estão na expectativa de alta nas cotações em novembro. A boa demanda, já observada em outubro, deve se manter neste mês. Além disso, a oferta pode seguir baixa até o fim do ano. Segundo mamoneiros consultados pelo Cepea, a maturação da fruta esteve mais acelerada e acima do normal nos últimos meses. Conseqüentemente, os mamoeiros passaram por estresse hídrico, o que fará com que a produção recue em novembro. Produtores do norte de Minas Gerais, por exemplo, informam que a produção de formosa deve cair consideravelmente na região. Com a falta de água, a irrigação está comprometida e a produtividade pode diminuir. Em outubro, por outro lado, a oferta de mamão foi maior do que nos meses anteriores em todas as regiões produtoras, como já era esperado por conta do clima mais quente. Porém, a fruta não se desvalorizou como agentes previam, tendo em vista que a demanda esteve elevada no período. O mamão havaí, tipos 12 a 18, foi comercializado em outubro a R\$ 0,68/kg (considerando a média de todas as regiões), 19% maior que no mês anterior. Já o formosa foi negociado a R\$ 0,76/kg na mesma região, 4% mais baixo no mesmo período comparativo.

Incidência de mancha fisiológica deve diminuir ainda mais



Em novembro, a mancha fisiológica pode não ser mais um problema nas regiões produtoras no Brasil. Com mais folhas nos pés de mamão, tendo em vista que os fortes ventos noturnos cessaram, a incidência dessa doença já diminuiu na segunda quinzena de outubro. Até a primeira parte do mês passado, no entanto, o descarte chegou a 30% da produção em algumas propriedades. Além disso, a mancha fisiológica desvalorizou da fruta. Neste cenário, a baixa oferta de mamão de qualidade elevada vinha sendo a principal reclamação de atacadistas, que acabavam comprando menos dos produtores. Assim, em novembro, a demanda dos compradores pode aumentar, visto que a oferta de mamão de boa qualidade deve ser maior. Por outro lado, com as chuvas irregulares pelo menos até o início de novembro, produtores continuam em alerta sobre a possível ocorrência de outros fatores que depreciam a qualidade. No fim de outubro, por exemplo, alguns colaboradores já informaram o surgimento de pinta-preta.

Mosaico ainda preocupa e produtor exige roguing em MG

A incidência de mosaico continua preocupando produtores do norte de Minas Gerais. A área mais atingida pelo vírus está no Projeto Jaíba – segundo maior projeto de irrigação em área contínua do mundo. Com isso, os investimentos, que poderiam ser elevados devido ao potencial hídrico da região, têm sido limitados pela doença. Produtores tradicionais dizem que a função esperada dos órgãos fiscalizadores seria a verificação de lavouras infectadas e a determinação de datas para produtores praticarem o *roguing* – corte dos pés infectados pelo vírus do mosaico. Segundo mamoneiros, a melhor saída seria a punição daqueles que se recusam a praticar o corte. Isso porque o vírus tem se proliferado de forma descontrolada e limitado investimentos e aumento na área de mamão na região. Espírito Santo e Sul da Bahia também enfrentaram problemas com essa virose. Porém, por competência dos órgãos fiscalizadores, o mosaico está sendo controlado nessas regiões.

Mesmo com oferta elevada, preço sobe com boa demanda

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea





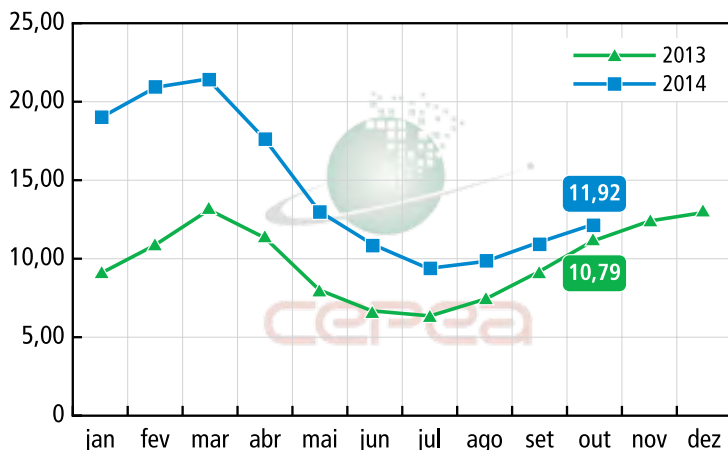
Oferta global de suco de laranja pode ser limitada

USDA estima safra da FL acima das expectativas

A primeira estimativa oficial da safra 2014/15 da Flórida foi divulgada em outubro pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). O relatório indicou que os produtores da Flórida devem colher 108 milhões de caixas de 40,8 kg, alta de 3,25% ante o produzido na temporada anterior. Os números do USDA ainda serão revisados mensalmente até julho/15 e poderão dimensionar melhor o andamento da colheita no estado, assim como a taxa de queda e o tamanho dos frutos, que são os principais efeitos do *greening* na produtividade. Mesmo que a produção do estado norte-americano fique acima das expectativas, não deve haver excesso de oferta de suco de laranja, o que pode aumentar a demanda externa pelo produto brasileiro. Assim, as compras de frutas das indústrias nacionais para processamento devem ser intensificadas na próxima temporada (2015/16), e os valores oferecidos nas compras no *spot* podem se elevar, já que os estoques de suco vão cair bastante no correr da safra atual.

Tahiti se valoriza significativamente em outubro

Os preços da lima ácida tahiti aumentaram expressivamente em outubro no mercado paulista. A média do mês foi de R\$ 52,87/cx de 27 kg, colhida, forte aumento de 75% em relação a setembro, e 105% maior que em outubro de 2013. Segundo



colaboradores do Cepea, o período de entressafra foi o principal motivo para o avanço nas cotações, mas a seca severa neste ano acentuou a baixa oferta. A falta de chuvas diminuiu o vigor das plantas e, dessa forma, a maioria das frutas que deveriam ser colhidas nesta época estavam com baixo calibre. Para novembro, não há expectativa de aumento significativo na disponibilidade de tahiti e os preços devem continuar firmes.

Valor da pera sobe 12%; tendência ainda é de alta neste mês

Os preços da laranja pera para o mercado *in natura* subiram novamente em outubro. A média desta variedade foi de R\$ 11,92/cx de 40,8 kg, na árvore, alta de 12% em relação a setembro, e o maior valor para este mês desde 2010. Para novembro, a expectativa é de novas altas, já que a oferta da pera deve diminuir significativamente. Com a seca verificada no estado de São Paulo, houve necessidade de colheita antecipada das laranjas, que foram destinadas principalmente para o processamento. Dessa forma, é esperado que a demanda pela fruta para o mercado de mesa seja suprida, principalmente, pelas tardias – natal e valência.

Moagem de laranja segue em bom ritmo

O processamento de laranja está em bom ritmo no estado de São Paulo. Segundo colaboradores da Hortifruti/Cepea, no mês de setembro e no começo de outubro, as indústrias estavam limitando a quantidade de frutas entregues por produtor (cotas), principalmente aquelas negociadas no mercado *spot*. Isso porque muitos citricultores buscaram aumentar as cotas entregues devido à seca e também tentaram participar dos leilões de Pepro realizados pelo governo federal. Contudo, desde a segunda quinzena de outubro a maioria das empresas aumentou a quantidade diária permitida de laranja entregue. Estima-se que, das frutas processadas em outubro, metade foi de pera e o restante, de laranjas tardias.



Preço da pera sobe 12% em outubro

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea



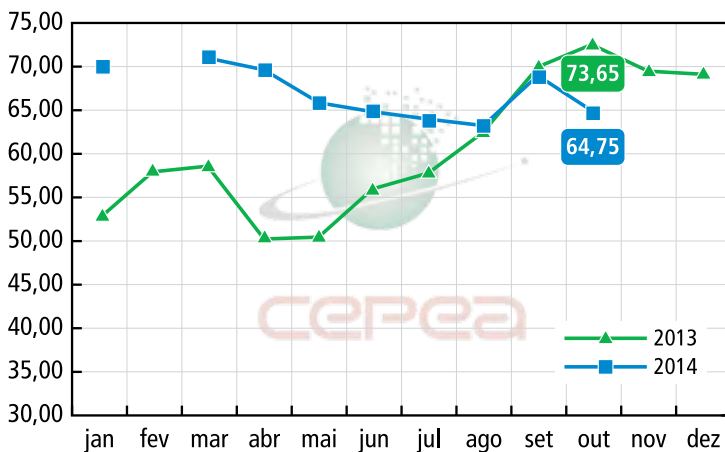


Com boa qualidade, maçã importada ganha espaço no mercado brasileiro

As vendas de maçã nacional na Ceagesp estão aquém do esperado neste segundo semestre. Com problemas de qualidade na gala e na fuji, consumidores têm optado por outras maçãs, sobretudo as importadas. Segundo atacadistas, as galas importadas têm apresentado melhor fluxo de vendas que a nacional – proporcionalmente ao volume disponível de cada uma nos boxes da Ceagesp. A qualidade superior, tanto na coloração quanto na pressão de polpa, tem favorecido as vendas da importada. Neste cenário, as compras brasileiras no mercado internacional têm sido avançadas. O aumento nas compras é mais comum a partir de agosto, quando os estoques de maçã brasileira já estão mais reduzidos. Isso tem sido resultado do controle da oferta por boa parte dos produtores – a maioria adotou a mesma estratégia de “segurar” mais frutas, e os preços acabaram em menores patamares frente ao segundo semestre do ano passado.

Geadas no Chile podem reduzir safra e limitar vendas ao exterior

As importações brasileiras de maçãs e kiwis do Chile podem ser limitadas no ano que vem devido à possível redução na safra dessas frutas naquele país. Isso porque, no início de outubro, regiões produtoras do Chile foram atingidas por geada negra.



Qualidade abaixo da esperada reduz preços

Preço médio de venda da maçã fuji Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

Segundo notícia veiculada pelo Fresh Fruit Portal, cerca de 50% da produção de maçãs pink lady pode ter sido perdida. Já a safra de kiwi foi ainda mais prejudicada – há estimativa de perdas de 80%, podendo chegar a 100% em algumas propriedades. Além de maçã e kiwi, as produções de cereja e blueberry também foram afetadas.

Frutificação começa no Sul

Em novembro, produtores de maçã do Sul do País devem realizar o raleio. Em meados de outubro, os pomares de Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS) já estavam em início de frutificação, possibilitando o raleio. De acordo com produtores, mesmo com as chuvas registradas em setembro, que atrasaram a polinização, o calendário de produção não foi afetado. Isso porque as temperaturas elevadas na região Sul aceleraram as atividades. Quanto ao pegamento da polinização, produtores da região de Fraiburgo (SC) afirmam que houve um número considerável de abortos das flores. Agentes do setor não sabem ao certo qual foi o fator limitante para o sucesso do pegamento, porém uma possível explicação seria o excesso de chuvas durante a polinização.

Volume de maçã precoce pode ser maior no PR

A colheita de maçãs precoces (eva e condessa) deve ser iniciada em meados de dezembro no Sul do País, sobretudo no Paraná. A entrada das frutas precoces no mercado será mais tardia neste ano frente a 2013, e os preços podem ser menores. Isso porque é possível que ainda haja oferta de fuji em dezembro, caso o escoamento dessa variedade siga no mesmo ritmo até o final do ano. De acordo com a Frutipar, as estimativas iniciais são de aumento na safra das precoces frente a 2013, quando o Paraná registrou geadas tardias. Além disso, houve aumento no cultivo da safra de maçãs precoces – algumas macieiras entraram em plena produção. Neste ano, houve geadas no início de outubro, porém, até o fechamento desta edição, não foram registradas grandes perdas na cultura.





Excesso de chuva pode afetar a produtividade da uva industrial

Produtores temem abortamento das flores em novembro

A safra 2015 de uva industrial no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina pode ser prejudicada pelas chuvas a partir deste mês. Segundo informações do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), se as precipitações, que vêm ocorrendo nos últimos meses, continuarem após a primeira quinzena de novembro, pode haver o abortamento de flores. Se esse cenário se confirmar, podem ocorrer danos quanto à produtividade e qualidade da uva. Apesar de os parreirais já terem sido atingidos por um volume considerável de chuvas em setembro e outubro, agentes locais informaram que a produção ainda não foi afetada, visto que os parreirais estavam entre as podas e o início de brotação. A previsão é de que a safra 2015 se inicie em fevereiro e dure até abril. Em relação à produtividade, os parreirais apresentavam bom desenvolvimento até o início de novembro. A previsão do Cptec/Inpe para o último trimestre do ano para a região Sul é chuvas acima da normal climatológica.

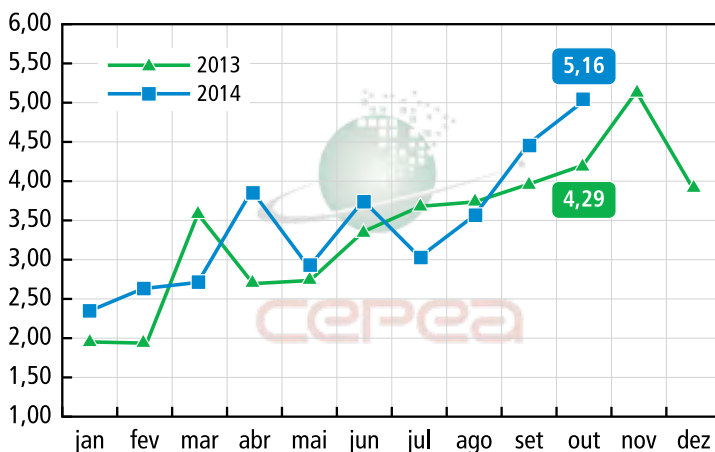
Enquanto envios recuam, importações da Europa se elevam

As exportações brasileiras de uva estão menores na parcial de 2014 (janeiro a setembro) frente ao mesmo período do ano passado. Segundo a Secex, o volume de uva embarcado neste período foi de 5,8 mil toneladas, 57% menor frente a 2013. Esses envios geraram uma receita de US\$ 14,5 mi-

lhões, valor 55% inferior na mesma comparação. Como previsto por agentes, a maior concorrência pelos mercados consumidores dos Estados Unidos e da União Europeia desaqueceram os envios brasileiros da uva de mesa. Além disso, a quebra de safra na região do Vale do São Francisco neste segundo semestre, período tradicional de exportações da fruta, também impactou no resultado. Outro fator foi a restrição da Rússia quanto a compras de produtos da União Europeia, Estados Unidos, Austrália, Noruega e Canadá, o que causou um aumento na oferta da uva nestes países. O embargo também acabou elevando as importações da uva europeia pelo Brasil. O volume comprado pelo País teve aumento de 4,3%, enquanto a receita caiu 6,4% na comparação entre os primeiros nove meses de 2014 e 2013. Os envios da Espanha cresceram 114%, chegando a 300 mil toneladas até setembro/14. Segundo viticultores do Vale, este incremento na importação ainda não afetou a comercialização da uva nacional, que apresenta qualidade superior à estrangeira e preço mais acessível.

Calor prejudica coloração da uva e reduz oferta

As altas temperaturas nas regiões produtoras do Vale do São Francisco (BA/PE), Pirapora (MG) e Jales (SP) afetaram a qualidade das frutas colhidas no final de outubro e início de novembro. Viticultores consultados pelo Cepea relataram que o principal prejuízo foi a alteração da coloração da uva nos parreirais, o que dificulta a comercialização da fruta. Com isso, a disponibilidade das variedades como benitaka, brasil e red globe tem sido menor no período. Além disso, parte da uva está murcha. Entretanto, com a finalização da safra em Jales e Pirapora, a oferta ficará reduzida neste mês, o que pode compensar a qualidade pouco satisfatória. Assim, as cotações podem se sustentar em bons patamares ao produtor até a segunda quinzena de novembro, quando o Paraná e a região de Campinas devem iniciar suas respectivas safras de final de ano. Entretanto, mesmo com a entrada dessas duas praças, os preços não devem reduzir significativamente.



Fim de safra em SP e MG valoriza niagara

Preços médios recebidos por produtores pela uva niagara - R\$/kg

Fonte: Cepea





“REDUZI EM ATÉ 40% O CUSTO COM MÃO DE OBRA AO ADOTAR O SISTEMA “Y””

ENTREVISTA: João Roberto Zafalon

João Roberto Zafalon é produtor de uva desde 1998 e proprietário da Vinícola Zafalon, em São Miguel Arcanjo (SP).

Foto: Fernando Cappello, autor deste Especial Uva, João Roberto Zafalon, Larissa Pagliuca e Felipe Vitti (da esquerda para a direita) em visita à propriedade de Zafalon, em agosto/14.

Hortifruti Brasil: Produtores de São Miguel Arcanjo têm enfrentado certa dificuldade em comercializar a niagara diretamente com as centrais de abastecimento. Quais as alternativas que os viticultores têm tomado para diversificar suas vendas e receita?

João Roberto Zafalon: A maioria dos produtores da minha região tem procurado a cooperativa local para vender direto para o mercado, sem passar por intermediários. Além disso, estamos, aos poucos, diversificando nossos negócios com vinhos, sucos, geleias e outros produtos provenientes da fruta. Assim, conseguiremos manter a cultura. Cultivar só a uva niagara *in natura* não tem sido rentável, tanto para mim quanto para os demais produtores.

HF Brasil: O sistema “Y” tem sido adotado nos últimos anos pelos produtores de São Miguel Arcanjo. Em sua opinião, quais as vantagens deste sistema em detrimento à espaldeira?

Zafalon: Em minha propriedade, já modifiquei praticamente todo o sistema espaldeira para o “Y”. Porém, em São Miguel Arcanjo a troca tem sido adotada aos poucos pelos agricultores, pois o investimento é muito elevado. Em relação às suas vantagens, podemos dizer que há uma redução de 30% a 40% do custo com mão de obra, principalmente porque o “Y” permite a mecanização de tratos culturais, como a pulverização. Outra vantagem que julgo importante é o fato de produzir uvas de melhor qualidade (coloração), gerando uma maior remuneração. Se não usarmos essas alternativas, que nos diferenciam dos demais, pode ser que tenhamos que sair da produção de uva.

HF Brasil: Como é feita a assistência técnica em termos de análise econômica e agrônoma na região para essa transição?

Zafalon: Não temos nenhuma assistência técnica com especialistas na região. Mas, estamos trazendo essa tecnologia de fora do estado de São Paulo aos poucos, por

iniciativa dos próprios produtores. Temos buscado orientações na Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural) de Santa Catarina.

HF Brasil: Quais as principais dificuldades para calcular o custo de produção?

Zafalon: Acredito que muita gente não faz levantamento de custo de produção, pois exige muita dedicação e tempo para juntar todos os dados “no papel”. Porém, acho que o levantamento de custos na propriedade é muito importante. Quem não calcular suas despesas, pode ter dificuldades em se planejar e se manter na cultura num futuro próximo.

HF Brasil: O que mudou em sua percepção sobre os gastos com a cultura da uva niagara, após os resultados levantados em sua região?

Zafalon: Achei interessante porque vemos onde gastamos nosso dinheiro. Fazendo o custo de produção adequadamente podemos nos organizar melhor e agregar valor à mercadoria que será oferecida ao consumidor. Acho que o produtor de uva trabalha muito e recebe pouco em troca.

HF Brasil: Quais medidas o senhor tem tomado para reduzir os custos com a niagara?

Zafalon: Uma das principais ações que implanto em minha propriedade é a manutenção preventiva de máquinas e equipamentos, além de trocar a mangueira de irrigação que possa estar furada e realizar a regulagem de bicos pulverizadores. Também busco mecanizar ao máximo as atividades no campo, como o preparo de solo para o plantio e pulverizações. Cerca de 70% dos produtores ainda realizam manualmente essas atividades, o que encarece bastante a produção, mas a maioria tem se atentado para as vantagens da modernização do sistema produtivo. Assim, acredito que no ano que vem pelo menos metade dos viticultores de São Miguel Arcanjo já tenham mecanizado esses tratos culturais.



“ CONSEGUI DIMINUIR EM CERCA DE 40% O CUSTO FAZENDO AJUSTES NO SISTEMA DE CONDUÇÃO LATADA ”

ENTREVISTA: Sebastião Santin

Sebastião Santin é produtor de uvas na região de Jales. Produz uva para mesa e também fabrica vinho e suco de uva, que comercializa em sua cantina (“Vinho e Suco Santin”) e em outros pontos comerciais da região.

Hortifruti Brasil: Produtores têm substituído uvas finas pela niagara na região de Jales. Essa mudança tem ocorrido devido à redução do custo de produção ou também há outros motivos? O senhor acredita que se trata de uma tendência?

Sebastião Santin: A mudança é principalmente devido ao elevado custo da mão de obra. A variedade niagara requer menos mão de obra que a uva fina e, dessa forma, o custo para se investir acaba sendo bem menor. Conheço muitos produtores de Jales que já migraram para a niagara e, pelo jeito, ela vai predominar em minha região. Mesmo que a uva fina possibilite ao produtor um bom preço de comercialização, quem não consegue vendê-la bem, vai acabar migrando para a niagara.

“ Fiz um experimento plantando uma carreira em “Y”, mas de uva fina para a produção de vinho, pois percebi que o sistema de condução latada não deu certo para a uva de vinho. Se der certo, mudarei minha produção para o “Y”. ”

HF Brasil: O sistema “Y” tem sido adotado por produtores de Campinas e de São Miguel Arcanjo. Em sua região, também está ocorrendo essa mudança? Quais as principais dificuldades na alteração do sistema?

Santin: Aqueles produtores que estão iniciando o parreiral já estão implantando o sistema “Y”. Uma fazenda próxima da minha é exemplo disso. Fiz um experimento plantando uma carreira em “Y”, mas de uva fina para a

produção de vinho, pois percebi que o sistema de condução em latada não deu certo para a uva de vinho. Se der certo, mudarei minha produção para o “Y”, mas sei que esse sistema tem um investimento inicial muito elevado.

HF Brasil: A mão de obra é o item que mais pesa no custo de produção. Como o senhor tem lidado com esse item?

Santin: O pessoal está migrando para a niagara justamente porque está faltando mão de obra. Consegui diminuir em cerca de 40% o custo fazendo ajustes no sistema de condução latada. Antes, os cachos ficavam distribuídos entre as ruas. Com o sistema adotado similar ao que se realiza no Vale do São Francisco, os cachos são distribuídos no sentido das linhas das plantas, ficam todos alinhados, facilitando a colheita.

HF Brasil: Quais as principais dificuldades que o senhor tem para calcular o custo de produção?

Santin: O maior problema é a variação dos preços dos insumos. Por exemplo, o dólar tem subido significativamente de uns tempos para cá e, assim, o preço do insumo agrícola tem variado muito de um dia para o outro. Isso dificulta o cálculo, pois não é um custo fixo. A mão de obra também tem ficado mais escassa e cara.

HF Brasil: Os levantamentos de custos feitos em sua região alteraram sua percepção sobre a distribuição dos dispêndios?

Santin: Achei interessante o trabalho de levantamento de custo de produção, pois dá para saber onde está indo seu dinheiro. Fica mais fácil saber onde podemos reduzir os custos. Lá na frente, no balanço final da safra, dará muita diferença no custo total.

HF Brasil: Quais medidas o senhor tem tomado para reduzir os custos de produção da niagara?

Santin: Ajustando o sistema de condução latada. Essa foi uma das formas que encontrei para reduzir os custos de produção da uva niagara, que requer menos mão de obra.



“NIAGARA É MAIS RESISTENTE A DOENÇAS E NÃO EXIGE MUITOS TRATOS CULTURAIS”

ENTREVISTA: Anderson Alex Tomasetto

Produtor há 30 anos, Anderson cultiva uva e ameixa em sua propriedade em Jundiaí (SP), na região de Campinas.

Hortifruti Brasil: *Como está a produção de niagara na região de Campinas? Tem compensado produzir a variedade? Produtores têm interesse em diversificar a produção, cultivando outras variedades de uva ou outras frutas?*

Anderson Alex Tomasetto: A uva niagara ainda é o carro-chefe em minha região. É muito difícil mudar para outras variedades, considerando-se que a niagara é uma variedade mais resistente a doenças, não exige muitos tratamentos culturais, devido à sua rusticidade, e é por isso que a niagara tem compensado. É a mais produzida na região de Jundiaí, com praticamente 99% da área destinada à variedade.

HF Brasil: *O sistema “Y” tem sido adotado nos últimos anos pelos produtores de Campinas. Em sua opinião, quais as vantagens de adotar esse sistema em detrimento à espaldeira?*

Tomasetto: O sistema “Y” tem sido bastante viável na viticultura da região, pois é mais fácil de se mecanizar, de se realizar a pulverização, além de demandar menos atividades com desbrota e amarriço, o que reduz a mão de obra. Além disso, o sistema “Y” possibilita maiores produtividade e qualidade (boa coloração e calibre satisfatório) em relação à espaldeira, sem contar que as bagas ficam mais protegidas contra doenças. Há dois anos, comecei a investir neste sistema e, hoje, metade da minha área já está implantada desta forma. De fato, a qualidade da uva é outra, o investimento inicial para a troca do sistema de condução é elevado, mas depois compensa. Com esse sistema, é possível colocar telas antigranizo, eliminando o custo com o seguro granizo, sendo que, na espaldeira, isso não era possível.

HF Brasil: *Como está a assistência técnica em termos de análise econômica e agrônoma na região de Campinas para esta transição?*

Tomasetto: Produtores da região podem contar com a assistência técnica da Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Jundiaí e também do IAC (Instituto Agrônomo de Campinas) e da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta) de Frutas. Esses órgãos nos apoiam fornecendo materiais, com especialistas dando assistência econômica e agrônoma.

HF Brasil: *A mão de obra é o item que mais pesa no custo*

de produção na região de Campinas. Como o produtor pode lidar com esse custo, visto que parte da mão de obra é familiar?

Tomasetto: É difícil lidar com a disponibilidade de mão de obra. Na região de Jundiaí, já existe muita competitividade com empresas, em que o trabalhador recebe melhores salários e muitos benefícios, como décimo terceiro e férias, e na roça não há tantos benefícios. Desta forma, o “Y” tem sido uma saída, pois conseguimos economizar com mão de obra, necessária na espaldeira.

“O sistema “Y” tem sido bastante viável. (...) Há dois anos, comecei a investir neste sistema e, hoje, metade da minha área já está implantada desta forma. De fato, a qualidade da uva é outra.”

HF Brasil: *Quais as principais dificuldades que o senhor vê para calcular o custo de produção? O que mudou em sua percepção em relação ao custo de produção da uva niagara após os resultados levantados em sua região?*

Tomasetto: Após os resultados dos custos, percebemos coisas que antes não tínhamos noção de que devem ser contabilizadas, como, por exemplo, o valor do terra, que é, diga-se passagem, muito elevado em minha região. O trabalho me mostrou um novo conceito de custo de produção no balanço final da safra.

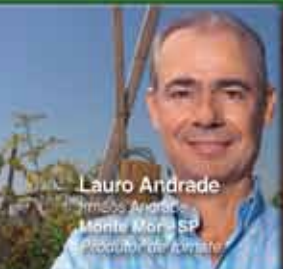
HF Brasil: *Quais medidas o senhor têm tomado para reduzir os custos de produção da niagara?*

Tomasetto: A principal medida que tem reduzido meus custos é justamente migrar do sistema espaldeira para o “Y”, visto que é menos exigente em mão de obra, um dos itens de maior peso nos custos de produção. ■

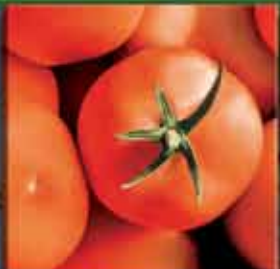
Cabrio® Top

Fungicida

O melhor da sua
lavoura a cada safra.



Lauro Andrade
Irmãos Andrade
Monte Mor - SP
Produtor de Alho



Albino Bongioiolo Neto
Fiorini S/A Agroindústria
Friburgo - SC
Produtor de maçã



Silvano Michelin
Casa Valduga
Bento Gonçalves - RS
Produtor de uva

Com Cabrio® Top, a planta tem mais do que um ótimo controle de doenças, tem o efeito AgCelence®. Isto significa uma maturação completa e uma uva de melhor qualidade, o que reflete no vinho com potencial e complexidade aumentados.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na embalagem sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná para a cultura de alho. Registro MAPA nº 01303.

Cabrio® Top. Saúde para múltiplas culturas, rentabilidade para o agricultor.

- Melhor classificação dos frutos.
- Amplo espectro de controle dos principais fungos.
- Fácil manuseio e melhor relação custo/benefício.
- Mais qualidade, produtividade e rentabilidade – Benefícios AgCelence®.

0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

 **BASF**
The Chemical Company



Liderança
não nasce,
se constrói.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES



Mala Direta Postal
Básica
0000/2012 - DR/XXXXY
Cliente
.....CORREIOS.....

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

A **Topseed Premium** conhece a nossa terra e, por isso, é líder na comercialização de sementes de cebolas híbridas no Brasil.

A experiência da nossa equipe técnica aliada às estações experimentais espalhadas pelo país, nos permite levar ao campo variedades de alta tecnologia adaptadas para diferentes regiões.

O clima você não controla, mas suas decisões sim. Não arrisque, semeie cebolas **Topseed Premium**, líder em confiança.

- Andrômeda F1
- Aquarius F1
- Buccaneer F1
- Fernanda F1
- Goiana F1
- Lucinda F1
- Optima F1
- Predileta F1
- Perfecta F1
- Serena F1
- Sirius F1
- Soberana F1

NOVO

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Acesse nosso novo portal
www.agristar.com.br

Tel.: 24 2222-9000

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil